



Licenciatura em Teatro
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA



Mabel Meira Mota, Lívia Borges Souza Magalhães e Laylla Gomes Franco

Leitura e produção de texto acadêmico

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO ACADÊMICO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE TEATRO
LICENCIATURA EM TEATRO

MABEL MEIRA MOTA
LÍVIA BORGES SOUZA MAGALHÃES
LAYLLA GOMES FRANCO

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO ACADÊMICO

Salvador
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor: João Carlos Salles Pires da Silva
Vice-Reitor: Paulo César Miguez de Oliveira
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Pró-Reitor: Penildon Silva Filho
Escola de Teatro
Diretor: Luiz Cláudio Cajaíba

Superintendência de Educação a
Distância - SEAD

Superintendente
Márcia Tereza Rebouças Rangel

Coordenação de Tecnologias Educacionais
CTE-SEAD
Haenz Gutierrez Quintana

Coordenação de Design Educacional
Lanara Souza

Coordenadora Adjunta UAB
Andréa Leitão

Licenciatura em Teatro

Coordenador:
Prof. Mateus Schimith

Produção de Material Didático

Coordenação de Tecnologias Educacionais
CTE-SEAD

Núcleo de Estudos de Linguagens &
Tecnologias - NELT/UFBA

Coordenação
Prof. Haenz Gutierrez Quintana

Projeto gráfico
Haenz Gutierrez Quintana
Foto de capa:

Equipe de Revisão:
Edivalda Araujo
Julio Neves Pereira
Márcio Matos
Simone Bueno Borges

Equipe Design
Supervisão: Alessandro Faria
Editoração / Ilustração:

Amanda dos Santos Braga, Amanda
Soares Fahel Reis, Bruno Deminco Ribeiro,
Davi Cohen Ramos Costa, Ingrid Moraes
Barretto, Leandro de Oliveira Souza Costa,

Luana Lopes de Assis Marques de Andrade,
Michele Duran, Rafael Moreno.

Design de Interfaces:
Raissa Bomtempo

Equipe Audiovisual
Direção:
Haenz Gutierrez Quintana

Produção:
Daiane Nascimento dos Santos; Victor
Gonçalves
Câmera, teleprompter e edição:
Gleyson Públio; Valdinei Matos
Edição:
Adriane Santos da Silva, Alan Leonel
Valente Moraes, Lara Menezes Chaves,
Maria Giulia Santos Brandão Lima, Sabrina
de Oliveira Martins
Videografismos e Animação:

Alana Araújo; Camila Correia; Gean
Almeida; Mateus Santana;

Edição de Áudio/trilha sonora:

Filipe Pires Aragão, Mateus Aragão,
Pedro Henrique Queiroz Barreto, Rebecca
Gallinari.



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Esta obra está sob licença *Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0*: esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA

M917 Mota, Mabel Meira.
Leitura e produção de texto acadêmico / Mabel Meira Mota, Livia Borges
Souza Magalhães, Laylla Gomes Franco. - Salvador: UFBA, Escola de Teatro;
Superintendência de Educação a Distância, 2020.
68 p. : il.
Esta obra é um Componente Curricular do Curso de Licenciatura em
Teatro na modalidade EaD da UFBA.
ISBN: 978-65-5631-032-9
1. Leitura. 2. Redação acadêmica. 3. Textos – Análise. 4. Fichamento. 5.
Resumos. 6. Elaboração de resenhas – Técnica. I. Magalhães, Livia Borges
Souza. II. Franco, Laylla Gomes. III. Universidade Federal da Bahia. Escola de
Teatro. IV. Universidade Federal da Bahia. Superintendência de Educação a
Distância. V. Título.

CDU: 028

SUMÁRIO

MINI CURRÍCULO DAS AUTORAS	07
APRESENTAÇÃO	08
UNIDADE 1 - LEITURA E ANÁLISE DE TEXTOS	
NO UNIVERSO ACADÊMICO: UMA INTRODUÇÃO	10
1.1 – O QUE LER NA JORNADA ACADÊMICA?	13
1.2 – COMO LER NA JORNADA ACADÊMICA?	17
1.3 – ANALISANDO TEXTOS ACADÊMICOS	20
1.3.1 Estratégias para tornar-se um leitor-sujeito	21
UNIDADE 2 - GÊNEROS TEXTUAIS E O	
CONHECIMENTO ACADÊMICO-CIENTÍFICO	25
2.1 GÊNEROS TEXTUAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES MAIS ACADÊMICAS	27
2.1.1 Gêneros textuais acadêmicos: do que estamos falando?	30
2.1.2 Tipologia dos gêneros acadêmicos	31
2.2 FICHAMENTO	33
2.2.1 Os tipos de fichamento	36
2.2.2 Estrutura retórica	37
2.2.3 O que diz a norma	37
2.2.4 Exemplos	39
2.3 RESUMO	41
2.3.1 Tipos de resumos	47
2.3.2 Estrutura retórica	47
2.3.3 O que diz a norma	49
2.3.4 Exemplos	50

2.4 RESENHA	51
2.4.1 Estrutura retórica	55
2.4.2 O que diz a norma	57
2.4.3 Exemplos	58
2.5 ENSAIO	58
2.5.1 Estrutura retórica	63
2.5.2 O que diz a norma	64
2.5.3 Exemplos	64
REFERÊNCIAS	65

MINI CURRÍCULO DAS AUTORAS

Mabel Meira Mota

É licenciada em Letras pela Universidade Católica do Salvador. Também é mestre e doutora em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Trabalhou como professora no curso de Arquivologia do Instituto de Ciência da Informação da mesma universidade. Atualmente, é professora dos cursos de Licenciatura em Teatro e de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Bahia, ambos na modalidade Ead.

Lívia Borges Souza Magalhães

É licenciada a bacharel em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia. Mestre e Doutora em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Lidera o Grupo de Pesquisa Memória em Papel (CNPq-UFBA), desenvolve pesquisas com acervos históricos do século XVI ao XX e atua, no ensino superior, como docente de disciplinas como Metodologia da Pesquisa, Estágio Supervisionado; e, no ensino básico, como professora de Literatura e Língua Portuguesa.

Laylla Gomes Franco

É licenciada em Letras Português e Inglês pela Universidade Salvador - UNIFACS. Especialista em Docência da Língua Inglesa pela Faculdade Integrada. Atua como professora de Língua Portuguesa na rede pública de ensino do Estado da Bahia. Foi articuladora da área de Língua Portuguesa pelo Projeto Gestar na Escola e presidente do Colegiado Escolar no Colégio Estadual Eraldo Tinoco. É mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia e pesquisadora do Grupo de Estudos de Linguagens e Tecnologias - GP NELT - na Universidade Federal da Bahia.

APRESENTAÇÃO

Prezado(a) discente, bem-vindo(a) à disciplina LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO ACADÊMICO!

Este é o material didático dessa disciplina, que faz parte do curso de Licenciatura em Teatro à distância da Universidade Federal da Bahia. Trata-se de uma disciplina que tem como objetivo capacitá-lo para refletir sobre as práticas de leitura e escrita no âmbito acadêmico, oferecendo-lhe embasamento teórico e oportunidade de exercício prático dos principais gêneros acadêmicos escritos. Para tanto, buscamos levá-lo a compreender a configuração da linguagem e a funcionalidade dos gêneros textuais próprios do universo acadêmico; desenvolver habilidades para a leitura e reconhecimento desses gêneros, a partir de seus elementos conceituais, funcionais e estruturais específicos; e, por fim, exercitar a atividade de análise, síntese, crítica e escrita desses gêneros.

Iniciaremos a disciplina com uma discussão sobre leitura para adentrarmos ao universo dos gêneros produzidos e disseminados na esfera acadêmica e com os quais você precisará estar familiarizado, pois ao fazer parte da academia você precisará produzir, compartilhar e difundir conhecimentos, sob a forma de gêneros acadêmicos. Exercitaremos sua capacidade de análise, síntese e crítica através de diferentes gêneros textuais acadêmicos. Quais sejam: fichamentos, resumos, resenhas e ensaios. Daremos destaque também à normatização desses gêneros a partir da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que orienta e normatiza a produção e publicação dos gêneros textuais na esfera acadêmica e científica; e também às normativas específicas da nossa universidade.

É importante destacar que almejamos que você se aproprie de técnicas para ler e produzir textos acadêmicos, mas, mais do que isso, que perceba que estes são espaços propícios para expressar e disseminar sua forma de compreender o mundo. Os textos escolhidos para leitura e para o exercício de produção de textos acadêmicos visam contemplar a área para a qual vocês estão se propondo a estudar: o Teatro. Além disso, vocês terão a oportunidade de conhecer algumas produções acadêmicas dos docentes do curso de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

Ao final da disciplina, espera-se que você seja capaz de reconhecer e produzir os principais gêneros acadêmicos que abordaremos, quais sejam: fichamento (ficha de leitura), resumo, resenha e ensaio. Além disso, espera-se também que você saiba utilizar corretamente as normas institucionais e também aquelas instituídas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para a elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos.

O nosso livro encontra-se organizado em duas unidades temáticas, considerando os gêneros contemplados na disciplina: Unidade I – LEITURA E ANÁLISE DE TEXTOS NO UNIVERSO ACADÊMICO: UMA INTRODUÇÃO, na qual discutiremos as especificidades da leitura, análise de textos no universo acadêmico, destacando o gênero FICHAMENTO; e Unidade II – GÊNEROS TEXTUAIS E O CONHECIMENTO ACADÊMICO-CIENTÍFICO, na qual serão apresentados os principais gêneros acadêmicos existentes (fichamento, resumo, resenha, ensaio e artigo), contemplando, quando possível, os seguintes tópicos: conceito e objetivo, estrutura retórica, aspectos normativos e exemplos.

Será um prazer partilhar com vocês essa jornada no universo acadêmico. Bom trabalho para todos nós!

Unidade 1 – LEITURA E ANÁLISE DE TEXTOS NO UNIVERSO ACADÊMICO: UMA INTRODUÇÃO

O ingresso na universidade é o momento de constituição de um novo ciclo social, cultural e histórico, responsável pelo processo de formação de profissionais de determinada área do saber. Os jargões da área são apresentados aos sujeitos universitários por meio de aulas expositivas, seminários, congressos, artigos científicos, livros, ensaios, enfim, diversos gêneros textuais.



Glossário

Jargão é uma terminologia técnica usada por um grupo específico como, por exemplo, os grupos profissionais. Pense que, para os advogados, peticionar significa o que os leigos conhecem por entrar com a ação ou pedir para o juiz.

Na verdade, toda comunicação humana se realiza por meio de gêneros textuais, que, segundo Marchuschi (2002, p. 22), são definidos como “[...] uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”.



Dica

A palavra **texto** não deve ser resumida como um sinônimo de escrita. Definir texto é pensar em uma produção de um sujeito autor que foca em um sujeito receptor. É por isso que oralidade, escrita (inclusive a não verbal, ou seja, os desenhos) devem ser entendidos como texto.

Vamos escolher um gênero textual para análise: a carta. A humanidade passou a escrever cartas para atender a uma demanda sociocomunicativa: estabelecer comunicação com alguém que não está perto. Foi com esse pensamento em mente que alguns elementos se tornaram essenciais no gênero. Vejamos a explicação sobre isso, mas, antes, é necessário trazer uma informação, qual seja: as cartas, inicialmente, levavam muito tempo cavalcando ou meses navegando (literalmente) para chegar do remetente ao destinatário.



FIGURA 1: Exemplo de carta

Fonte: m.salama, Freepik.

Você sabia desses detalhes da estrutura da carta? Não?! Acreditamos que isso não é um problema. Na verdade, muitas vezes, nós não somos apresentados às minúcias de todos os gêneros textuais e ... tudo bem! O problema é quando passamos a ser cobrados a usar determinados gêneros que não conhecemos, como acontece no ingresso na vida acadêmica.



Sabendo um pouco mais

Para saber mais sobre gêneros textuais, sugerimos a leitura do material a seguir:

https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf

Normalmente, parte-se do pressuposto de que o discente acadêmico é um sujeito totalmente conhecedor da cultura letrada e extremamente capacitado a lidar com todo tipo de texto, mas, na realidade, isso não acontece. O universitário, assim como qualquer outro sujeito alfabetizado, consegue ler no sentido de decodificar as letras do registro escrito, mas a leitura como sinônimo de apropriação do sentido do texto, possibilitando “[...] a formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural” (MARTINS, 1988, p. 22) depende, sim, de um processo de letramento acadêmico, ou seja, apresentação de técnicas para auxiliar a ler e compreender o lido; a reconhecer e saber lidar com os gêneros textuais usados na vida universitária; e, claro, analisar os textos que, vira e mexe, cruzam o seu caminho.



Sabendo um pouco mais

Para aprender mais sobre letramento, veja o vídeo disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=k5NFXwghLQ8>. Nele a professora Magda Soares apresenta a diferença entre alfabetização e letramento de forma bastante elucidativa.

Dito isso, já podemos começar nossa jornada? Então vamos falar de leitura e análise de textos!

OBJETIVO DA UNIDADE

Refletir acerca da leitura e análise de textos na universidade.

1.1 O QUE LER NA JORNADA ACADÊMICA?

Fischer (2006), no capítulo final do livro *A história da leitura*, relembra que em Hamlet, de Shakespeare, a personagem principal aparece lendo um pergaminho e, ao ser questionado por Polônio sobre o teor da leitura, responde, com sarcasmo: “ - Palavras, palavras, palavras...”. É como se ele dissesse um “não importa!”. Contudo, é evidente que o conteúdo da leitura é sempre um elemento significativo e que deve ser amplamente considerado. Lakatos e Matos (1992) sinalizam que textos são fontes inesgotáveis de informação, ideias e conhecimentos e não devem ser encarados como um compilado de palavras. Devemos, sempre, buscar um caminho nessa leitura, que pode ser guiado para o **entretenimento**, como ocorre ao fazermos a leitura de um gibi ou um post no Instagram; para a **informação**, comum nos momentos que estamos lendo um jornal, uma revista ou um livro que foi indicado em um post do Instagram, mas cujo teor te parece interessante, por exemplo, o livro *A filosofia da adúltera*, de Luiz Felipe Pondé (2013), que dialoga com as obras de Nelson Rodrigues, um autor que você gosta; e, por fim, para **formação**, que demanda do leitor uma atenção mais elaborada, visto que o objetivo dela é a aprendizagem.

Na cultura acadêmica, é a **leitura para formação** que tem um espaço de destaque (mas não deve ser a única! Lembre-se de que a dica é LEIA!) e, nela, o **conteúdo da leitura** torna-se um grande problema, uma vez que é convencional, durante a formação, ficarmos presos somente ao que nos é **prescrito** como **leitura para estudar**. Ressaltamos, aqui, que temos a compreensão das dificuldades do processo de vivência universitária, quando há a necessidade de conciliar a dinâmica de diversas matérias, com trabalhos, com avaliações, atividades fora da universidade, contudo, não podemos negar que o problema ocorre: ficar preso à prescrição significa não adentrar em outras correntes teóricas, não acessar outros olhares sobre os temas e, sobretudo, não construir o nosso senso crítico com articulação de ideias.



Sabendo um pouco mais

Para saber mais sobre prescrição de leitura, acesse o link: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12755199/texto-consideracoes-em-torno-do-ato-de-estudar> e leia o texto *Considerações em torno do ato de estudar*, de Paulo Freire.

Talvez você esteja se perguntando como acessar outros textos para além da prescrição de estudo. Vamos fazer um exercício de, digamos assim, alargamento de leitura, partindo de uma única prescrição hipotética. O professor, durante uma aula sobre o teatro no Brasil, pede para que você leia o texto *Uma história do teatro do oprimido*. Ele está disponível no link: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/17313/14298>.

Você acessa o texto e logo percebe, pelo título, que o assunto principal será o teatro do oprimido. A leitura do material te dá uma dimensão de como o autor, Flávio José Rocha da Silva, registra o processo de afirmação do teatro do oprimido no Brasil. Ao final do texto, o autor sinaliza o material (livros, artigos) que o embasou para construir as informações ali apresentadas. Essa exposição é feita na chamada lista de referências. Você pode escolher e pesquisar uma referência ali citada para fazer a leitura ou, então, ir buscar as suas próprias fontes.

Na era da informação em que vivemos, em função do advento da tecnologia, ter acesso à fontes tornou-se uma atividade fácil. Em uma pesquisa rápida no Google com o termo teatro do oprimido, em 0,37 segundos de pesquisa, o localizador encontrou, aproximadamente, 1.730.000 resultados. Contudo, nem tudo o que encontramos on-line deve ser considerado. Precisamos ficar atentos à qualidade do material e, para isso, devemos adotar bons parâmetros de pesquisa:

- utilize somente material publicado em sites de periódicos acadêmicos on-line, como o da Capes;
- utilize buscadores que te direcionem especificamente para sites com material cuidado com rigor acadêmico, como é o caso do Google Acadêmico;

- não confie em material que não apresenta indicação de autoria e, sempre que houver a indicação do autor, pesquise se ele é uma pessoa conhecedora do assunto que está sendo tratado ali;
- entenda a lógica de construção da informação presente no site. Por exemplo, sabemos que a Wikipédia é uma enciclopédia on-line e, como tal, tem a validação comum ao gênero. Contudo, o sistema Wiki é um sistema de colaboração, no qual qualquer pessoa, previamente cadastrada, pode fazer alteração ou inclusão de conteúdo. Esse dado faz com que a informação presente na Wikipédia esteja sempre em suspeita. Quem me assegura que o dado que exposto no sistema wiki foi escrito por alguém confiável.



Sabendo um pouco mais

Para conhecer o gênero enciclopédia, acesse o link: <https://escola.britannica.com.br/artigo/enciclop%C3%A9dia/487833>



Sabendo um pouco mais

Para conhecer melhor a confiabilidade da Wikipedia, leia o artigo publicado na revista Super Interessante e disponibilizado no link: <https://super.abril.com.br/cultura/enciclopedia-para-confiar-na-wikipedia/>

Para facilitar a vida de vocês, deixamos uma lista de sites confiáveis que podem ser usados para construção de consulta na web.

ABNT – <http://www.abnt.org.br>

Base de Teses CAPES – <http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>

Biblioteca Nacional de Portugal – <http://bnd.bn.pt>

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – <http://www.bn.gov.br/>

Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro – <https://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>

Directories of Scientists on the www from Micro World – <http://www.mwm.com/feature/people.htm>

Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – <http://www.prossiga.cnpq.br>

Educational Resources Information Center - <https://eric.ed.gov/>

Enciclopédias e Dicionários, Prossiga – <http://www.prossiga.br/referencia/dic.html>

Europa Publications – <http://europapublications.co.uk/index.htm>

Fundação Getúlio Vargas – <http://www.fgv.br/>

Google Acadêmico – <http://scholar.google.com.br/>

IBICT – <http://www.ibict.br>

INMETRO – <http://inmetro.gov.br/>

INPI – <http://www.inpi.gov.br>

ONU – <https://nacoesunidas.org/>

Portal de Periódicos CAPES – <http://www.periodicos.capes.gov.br>

Prossiga – <http://prossiga.ibict.br/>

SciELO – <http://www.scielo.br>

Scientific Societies – <http://www.edoc.com/sources/soc.html>

Scopus - <https://www.scopus.com/authid/detail.uri?authorId=6701365566>

WEBRA – Índice do Mercosul – <http://www.webra.com.br/>

Consideramos importante frisar que a universidade não leva esse nome, que lembra universo, por acaso. Há um universo de pessoas, de saberes e de espaços do saber. Não se acanhe em perguntar. Peça indicação de referências ao professor, a um colega que participa de um grupo de pesquisa sobre o tema, a um aluno da pós-graduação. Você

também pode mandar e-mails para autores com pedidos de auxílio ou esclarecimentos, uma atividade bastante comum no meio acadêmico. Ainda, vale lembrar a existência da Plataforma Lattes, que é um banco com os dados de todas as pessoas que desenvolvem pesquisa acadêmica no Brasil e, inclusive, conta com a opção de fazer contato com os pesquisadores utilizando a própria plataforma.

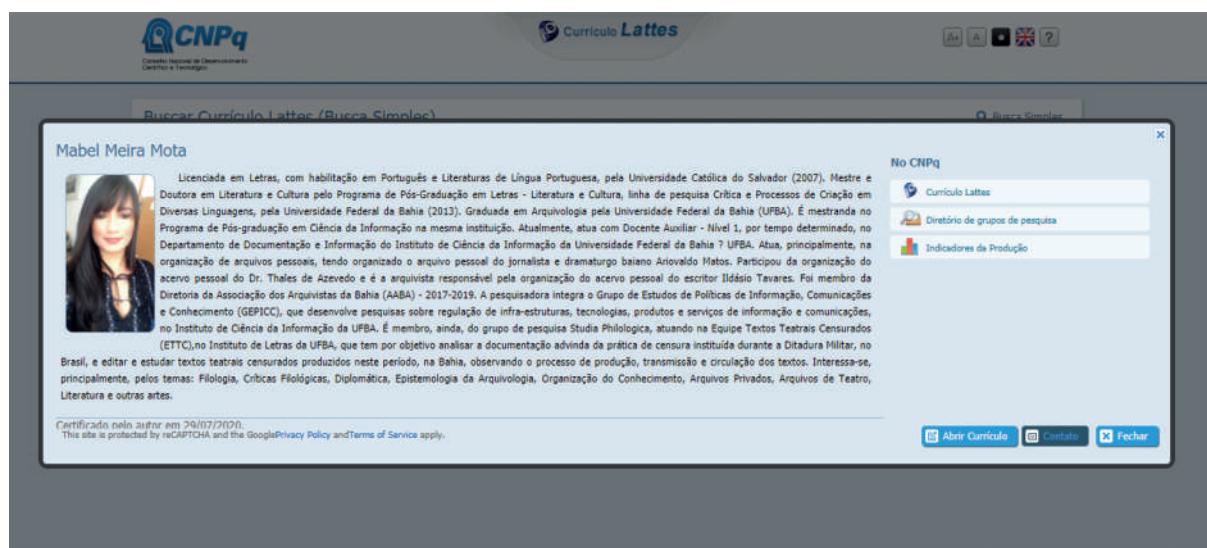


FIGURA 2 : Plataforma Lattes com destaque para o espaço de contato com o pesquisador

Fonte: <http://lattes.cnpq.br/1165530448149236>

1.2 COMO LER NA JORNADA ACADÊMICA?

Já com algumas informações sobre como chegar à leitura acadêmica, vamos fazer algumas ponderações sobre os tipos e técnicas de leituras, ou seja, explicar a você como você deve ler. Iniciamos essa discussão destacando que, se você for fazer um levantamento sobre os tipos de leitura que existem, você encontrará uma gama de teorias e ... é interessante conhecê-las, inclusive, para verificar se alguma se adequa mais com o seu perfil. Aqui, adotaremos, como ponto de partida, uma vertente apresentada por Lakatos e Marconi (1992).

As autoras apresentam, fazendo uma referência à obra de Harlow (1980), cinco tipos de leitura:

1. **Scanning** - quando o leitor acessa o texto a “[...] procura de um certo tópico da obra, utilizando o índice ou a leitura de algumas linhas, parágrafos, visando encontrar frase ou palavras-chave” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 20);
2. **Skimming** - quando a leitura parte de um processo de “[...] captação da tendência geral, sem entrar em minúcias, valendo-se dos títulos, subtítulos, ilustrações (se houver).” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 20);
3. **Do significado** - quando o leitor estabelece “[...] uma visão ampla do conteúdo, principalmente do que interessa, deixando de lado aspectos secundários, lendo tudo de uma vez, sem voltar atrás” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 20);
4. **De estudo** - quando ler significa “[...] absorção mais completa do conteúdo e de todos os significados, devendo ler, reler, utilizar dicionários e fazer resumos.” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 20);
5. **Crítica** - quando a leitura se configura como o “estudo e formação de um ponto de vista sobre o texto, comparando as declarações do autor com conhecimentos anteriores. Avaliação dos dados quanto à solidez da argumentação, a fidedignidade e atualização.” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 20);

Sabe a questão do que devemos ler que discutimos na seção acima? Então, tem um dado nessa discussão teórica das autoras que precisa ser ponderado com cuidado: a datação. Essa teoria é de 1980, quando o trato com o conhecimento era feito de outra maneira, visto que nós não éramos bombardeados por informação o tempo inteiro, como somos agora.

As autoras Diniz e Silva (2006, p 5-6), já nos apresentam uma realidade mais próxima da nossa, mostrando algo que nos lembra um encaminhamento de leitura. Vejamos:

Pré-leitura ou leitura de reconhecimento – é a fase preliminar da leitura informativa. Este tipo de leitura permite ao leitor selecionar o documento ou a obra que poderá ser aproveitada no seu trabalho e também obter uma visão geral do tema abordado. Para Gil (2002, p. 77) esta leitura pode ser denominada de exploratória, porque “é comparada à expedição de reconhecimento que fazem os exploradores de uma região desconhecida”.

Leitura seletiva – é quando se realiza uma leitura do livro todo, tentando selecionar as informações fundamentais, ou seja, escolher o material que realmente interessa à pesquisa. Entretanto, deve haver critérios de seleção baseados nos propósitos do trabalho.

Leitura crítica ou reflexiva – é quando o leitor concentra-se nos aspectos mais relevantes do texto, sendo capaz de separar as ideias secundárias da ideia central. Essa é uma fase que

requer reflexão que pode ser obtida por meio da análise, comparação, diferenciação, síntese e julgamento das ideias do autor da obra.

Leitura interpretativa – é uma leitura mais complexa e para que ela seja proveitosa é necessário que se estabeleça o procedimento a seguir:

- Identificar quais as intenções do autor e o que ele afirma sobre o tema, suas hipóteses, metodologia, resultados, discussões e conclusões;
- Relacionar as afirmações do autor com os problemas para os quais se está procurando equacionar
- Saber discernir, de forma imparcial, o que verdadeiro ou falso.

Vamos, juntos, pensar na realização de um exercício de leitura seguindo esse encaminhamento? Começamos imaginando uma ida a uma livraria com o objetivo de comprar um livro sobre a produção teatral de Brecht. Chegamos na loja, vamos para a sessão desejada e logo começamos a fazer a **pré-leitura**: lemos os títulos presentes na capa dos livros, o sumário de cada um deles, as sinopses e ... escolhemos o nosso livro. Em casa, iniciamos a **leitura seletiva**: de posse do marcador de livro, vamos destacando o que nos interessa na obra e estabelecendo um diálogo completo com o tema que estamos pesquisando. Com os destaques feitos, é hora de refletir sobre eles e analisar como o autor trata a obra do dramaturgo, ou seja, construir a chamada **leitura crítica ou reflexiva**. É nesse momento que ponderaremos, de fato, as contribuições da obra para a sua formação enquanto sujeito leitor. Por fim, vamos conectar o aprendizado com o nosso conhecimento de mundo, constituindo a **leitura interpretativa**.



Sabendo um pouco mais

Para conhecer mais sobre o conhecimento de mundo, veja o vídeo do professor Noslen: <https://www.youtube.com/watch?v=cHFtYf4s4KE>

Esse processo de divisão do texto em partes para efetuar uma leitura mais completa, observando melhor os detalhes, os pormenores do texto, é o que chamamos de **análise do texto**, prática responsável por conseguirmos chegar ao nível do “entendimento do texto”. Luckesi et al. (2005) sinaliza que é essa obtenção dessa competência de criticar o texto, instituindo vários sentidos para ele e, até mesmo, tornando-se leitor autor, é que constitui

a formação do **leitor-sujeito**, uma figura totalmente oposta ao **leitor-objeto**, cuja leitura tem o único objetivo de coletar informação que será reproduzida, quando necessário.

1.3 ANALISANDO TEXTOS ACADÊMICOS

Talvez você já tenha ouvido falar de João das Neves, um dos fundadores do Grupo Opinião. Ele propõe, no livro *A análise do texto teatral* (2012), um estudo para detalhar o processo de criação do texto teatral sendo que, nele há a indicação de que

[...] a análise pode se dar por meio da divisão do texto em seus aspectos mais significativos, esmiuçando os dramas, contradições, personagens principais e secundários, até que se chegue a um resultado coletivo, fruto da combinação de ações do encenador e dos atores, contudo, não deve, jamais, deixar de se utilizar da própria prática teatral como terreno onde a análise poderá se desenvolver. (FUNARTE, 2012)

O texto teatral é um tipo de texto e por isso ele também pode (e deve) ser analisado. Na citação apresentada anteriormente, fica claro o procedimento adotado para o texto teatral, que precisa focar nos dados para construção da trama e, ao mesmo tempo, no teatro enquanto espaço. Vamos tentar exemplificar tomando novamente Romeu e Julieta. Imaginem que um diretor propõe uma adaptação da história e, desta vez, a narrativa se passa em no morro da Rocinha, no Rio de Janeiro. Sem uma análise do texto, articula-se a mudança do cenário, do figurino, mas ... esquecem de analisar as falas para a construção textual. Qualquer telespectador achará, no mínimo, estranho a relação da ambientação com a atuação dos atores, trocando falas como, por exemplo “Minha arma nua já está fora; briga tu que eu defenderei tuas costas.”

É exatamente esse olhar que considera o texto acadêmico, observando o sujeito autor, para quem ele escreve, o conteúdo que escreve, quando escreve, que é o procedimento esperado na análise textual acadêmica, que tem por objetivo:

[...]aprender a ler, ver, a escolher o mais importante dentro do texto; reconhecer a organização e estrutura de uma obra ou texto; interpretar o texto, familiarizando-se com ideias, estilos, vocabulários; chegar a níveis mais profundos de compreensão; reconhecer o valor do material, separando o importante do secundário ou acessório; desenvolver a capacidade de distinguir fatos, hipóteses e problemas; encontrar as ideias principais ou diretrizes e as secundárias perceber como as ideias se relacionam; identificar as conclusões e as bases que as sustentam. Interpretar o texto, familiarizando-se com ideias, estilos, vocabulários; (LAKATOS; MARCONI, 1992, P. 24)

Bastante coisa, não é?! Mas, tenha em mente que no fazer acadêmico a criticidade é um elemento crucial, visto que, o lugar dela é o de formação de sujeitos políticos que atuarão ativamente na sociedade por meio de sua profissão. Sem sombra de dúvida, o leitor acadêmico precisa ser um leitor-sujeito e é visando isso que indicaremos, agora, algumas estratégias de leitura que podem ser adotadas para a construção desse sujeito.

1.3.1 Estratégias para tornar-se um leitor-sujeito

Vamos começar este tópico trazendo uma pontuação teórica importantíssima estabelecida por Main (1985 *apud* MONEREO, 1990, p.12): a estratégia de análise textual mais eficiente será aquela advinda da reflexão crítica do sujeito leitor. Em outras palavras, você poderá ler as dicas aqui indicadas, mas caberá a você, observando as suas práticas mais exitosas de leitura, estabelecer quais se encaixam para a sua construção. Ler é uma atividade individual e as dinâmicas dos indivíduos precisam ser respeitadas. Contudo, fazemos a indicação com base nos estudos teóricos de Severino (2007):

1. **Delimite a unidade** - A unidade é “[...] um setor do texto que forma uma totalidade de sentido. Assim, pode-se considerar um capítulo, uma seção ou qualquer outra subdivisão.” (SEVERINO, 2007, p. 53). Essa delimitação te apresentará, de forma objetiva, uma meta de leitura, o que, aos poucos, irá se configurar como uma disciplina.
2. **Análise o texto** - A análise do texto pode ser entendida como o momento de se preparar para a leitura mais aprofundada. Nela, você deve fazer uma leitura do texto, como um todo, construindo “[...] uma visão panorâmica, uma visão de conjunto do raciocínio do autor” (SEVERINO, 2007, p. 54). O autor ainda nos deixa a indicação de algumas tarefas que devemos realizar nessa etapa:
 - Faça a análise textual - Compreenda quem é o autor - o autor é o sujeito que escreve o texto e, por isso, uma pesquisa sobre a vida dele, atentando para as pesquisas que realiza e para os temas que estuda com mais frequência pode ser um informativo a mais para te ajudar a esclarecer a forma de escrita.
 - Atente para o vocabulário - durante a sua leitura seletiva, marque palavras que te parecem essenciais para compreender o texto, as chamadas palavras-chave, bem como aquelas que são desconhecidas para você. Com estas, as desconhecidas, o uso do dicionário vai tornar-se uma ferramenta essencial.
 - Localize as referências cruzadas no texto - é comum que os textos apresentem referências a fatos históricos, a outros autores, a outras teorias. Busque ler, mesmo

que de forma rápida, sem grande aprofundamento, essas informações. Elas irão te ajudar a ter conhecimento de mundo e, conseqüentemente, facilitar no exercício da leitura.

- Faça um esquema que dê conta de sintetizar o teor do texto, observando a introdução, o desenvolvimento e a conclusão da unidade em estudo.
3. **Análise a temática** - Feita as atividades anteriores, o leitor passa para a etapa de compreensão da mensagem global da unidade. Podemos pensar esse momento como a exposição de uma série de perguntas ao texto para coleta das informações. Essas perguntas são:
- **Qual o assunto tratado no texto?** - Aqui temos, como resposta, o tema ou o assunto da unidade.
 - **Como o assunto está problematizado?** Qual dificuldade deve ser resolvida? Qual o problema a ser solucionado? - Essas questões nos ajudam a entender a problemática do texto.
 - **Que posição o autor assume frente a problemática levantada?** - Essa questão aparece, quase que automaticamente, frente a exposição da questão anterior. “A resposta a esta questão revela a ideia central, proposição fundamental ou tese: trata-se sempre da ideia mestra, da ideia principal defendida pelo autor naquela unidade”. (SEVERINO, 2007, p. 57)
 - **Qual foi o raciocínio adotado pelo autor? Qual a sua argumentação** - É com essa resposta que teremos a indicação do pensamento do autor, a forma que ele adota a tessitura da mensagem explícita no texto.

Chegando aqui, você terá os dados essenciais para entender o texto de maneira bastante eficiente, chegando, inclusive a ter os dados necessários para produzir um resumo, gênero textual acadêmico que você aprenderá na terceira unidade deste livro.

4. **Faça uma análise interpretativa** - Na produção dessa análise, você irá, como o nome diz, interpretar o texto.

A partir da compreensão objetiva da mensagem comunicada pelo texto, o que se tem em vista é a síntese das ideias do raciocínio e a compreensão profunda do texto não traria grandes benefícios. Interpretar, em sentido restrito, é tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda a fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outras, enfim, é dialogar com o autor. Bem se vê que esta que esta última etapa da leitura

analítica é a mais difícil e delicada, uma vez que os riscos de interferência da subjetividade do leitor são maiores, além de pressupor outros instrumentos culturais e formação específica. (SEVERINO, 2007, p. 59).

Para a realização dessa etapa, encontramos, também, a indicação de etapas a serem realizadas. Vamos conhecê-las:

1. Situar o pensamento desenvolvido na unidade com o pensamento geral do autor;
2. Situar o pensamento do autor com cultura filosófica em geral;
3. Expor os pressupostos que o texto implica, ou seja, as ideias que não estão efetivamente apresentadas, mas podem ser percebidas no exercício da leitura por meio de pistas linguísticas deixadas pelo autor. Seria algo como *Eu parei de ir ao teatro*, o verbo parar indica que havia uma ação que era anteriormente realizada e, agora, não é mais;
4. Aproximar as ideias propostas no texto com outras quaisquer que apresentem uma determinada semelhança;
5. Estabelecer um juízo crítico, ou seja, uma avaliação do texto.

Tal avaliação tem duas perspectivas: de um lado, o texto pode ser julgado levando-se em conta sua coerência interna; de outro lado, pode ser julgado levando-se em conta sua originalidade, alcance, validade e a contribuição que dá a discussão do problema (SEVERINO, 2007, p. 59).

6. Produzir uma crítica pessoal

Bem, uma longa jornada exposta aqui para ler e interpretar bem o texto. Esperamos que todo o material aqui registrado seja lido e analisado, mas, vamos deixar algumas outras referências que podem te ajudar com o tema. Não adianta propor o exercício e não contribuir na realização, não é verdade?

Vídeo

LUBRANO, Isabela. *Leitor: uma espécie em extinção*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=35nKVpYeR_E

Artigo

PIRES, Erik André de Nazaré. *A importância do hábito de leitura na universidade*. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/download/846/pdf>

Dissertação

SÉLIS, Plínio Sabino. Compreensão em leitura e estratégias de aprendizagem em universitários. - Disponível em: <http://bdtd.unoeste.br:8080/tede/bitstream/tede/797/1/dissertacao.pdf>

SÍNTESE DA UNIDADE I

Nesta unidade você aprendeu sobre a leitura no âmbito acadêmico, tendo contato com caracterizações sobre o que e como devemos ler na academia, ponderando a qualidade dos textos que, de fato, auxiliarão na formação do profissional durante a graduação e, por fim, apresentamos estratégias de leitura.

UNIDADE - 2 GÊNEROS TEXTUAIS E O CONHECIMENTO ACADÊMICO-CIENTÍFICO

Já iniciamos a jornada no universo acadêmica falando um pouco sobre a leitura, agora chegou a hora de conhecer os gêneros textuais do universo acadêmico. Nós nos concentraremos nos gêneros acadêmicos escritos contemplados na ementa da disciplina LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO ACADÊMICO. Buscamos te dar alguns elementos para reconhecê-los, analisá-los e produzi-los.

Para isso, apresentaremos cada um dos gêneros considerando aspectos conceituais, objetivo comunicativo, tipologia e estrutura retórica. Abordaremos de modo global e específico – quando possível – aspectos normativos instituídos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para a elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos, assim como as normas institucionais contempladas no Manual de Estilo Acadêmico da UFBA (LUBISCO; VIEIRA, 2019), a partir da versão atualizada.

É importante destacar que os gêneros acadêmicos são produzidos com o objetivo de documentar e/ou comunicar a produção científica. Quando falamos documentar nos referimos a um método de estudo pessoal para o registro do que for você considerar útil em função das suas necessidades de estudo pessoal ou pesquisa científica. De acordo com Severino (2014), existem três formas de documentação: temática, bibliográfica e geral.

Já podemos falar dos gêneros acadêmicos, não é? Eles são textos mobilizados para registrar e estudar outros textos que lemos e com os quais queremos dialogar ao longo dessa jornada. Esses gêneros, como os fichamentos, mapas conceituais, diários de leitura ou pesquisa, esquemas, resumos e resenhas são, para além de suas especificidades, como veremos, fundamentais para ler, analisar, sintetizar e criticar o conteúdo de textos de

outros autores com os quais você pretende dialogar, seja para fins de conhecimento pessoal (documentação), seja para fins de comunicação científica.



Sabendo um pouco mais

Antes de começarmos o conteúdo específico dessa unidade, que tal observar como a REVISTA SALA PRETA (USP) organiza suas seções e como são publicados alguns dos gêneros produzidos por pesquisadores sobre a temática do Teatro?

A comunicação científica diz respeito às formas como um pesquisador pode divulgar os resultados parciais ou totais de suas pesquisas. Você sabia que já na graduação você pode iniciar uma carreira científica? O próprio nome já diz: Iniciação Científica (IC). Não falaremos disso nessa disciplina, mas não fique preocupado, você ouvirá falar muito disso até o final do seu curso. Voltando ao assunto... Em geral, na comunicação científica sob a forma escrita, os gêneros mais utilizados são os artigos e os ensaios, publicados em periódicos ou livros. Há também periódicos que disponibilizam seções para publicação dos gêneros resenhas e entrevistas.

Para iniciar a UNIDADE II, apresentaremos o fichamento. Abordaremos, em seguida, o resumo, a resenha e o ensaio. Ao abordarmos o último, faremos breves considerações sobre o artigo, em caráter complementar, uma vez que o artigo, assim como os resumos, são os principais gêneros acadêmicos mobilizados para fins de comunicação científica, seja através de periódicos seja através da participação em eventos acadêmicos e científicos.

OBJETIVO

Reconhecer os gêneros acadêmicos fichamento, resumo, resenha e ensaio.

2.1 GÊNEROS TEXTUAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES MAIS ACADÊMICAS

Nos últimos anos, muito se tem discutido a respeito dos gêneros textuais e de como o ensino deles é importante quando se trata de língua. Podemos perceber que existem várias vertentes desses estudos e diferentes formas de abordagem, no entanto, propomos uma leitura mais aprofundada na teoria dos gêneros consolidada por Mikhail Bakhtin (2003), na obra intitulada *Estética da Criação Verbal*, no capítulo *Gênero dos Discursos*.

Numa perspectiva sócio-histórica e dialógica, Bakhtin concebe que todas as atividades humanas estão ligadas à utilização da língua, que se materializa através dos chamados enunciados ou discursos, concretos e únicos, que derivam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. Entendemos, nesse caso, que os gêneros são uma estrutura textual/discursiva, de caráter cultural que funciona como forma de ação e organização social, através de um esquema cognitivo e ação retórica dos usuários do sistema linguístico. Assim, torna-se impossível tratar do gênero do discurso sem tratar da realidade social e da relação com os empreendimentos humanos. Por esse motivo, dizemos que é improvável não se comunicar verbalmente por gêneros, já que todo sistema linguístico se estende à comunicação humana.

Essas práticas discursivas, os gêneros, relativamente estáveis, orais ou escritos, são situados historicamente e socialmente, sua riqueza e variedade são infinitas e cada esfera da atividade humana comporta variados gêneros que são ampliados e diferenciados quando existe necessidade de desenvolvimento e complexidade dessa esfera. Isso quer dizer, que, apesar de estáveis, os gêneros sofrem alterações de acordo com a demanda dos falantes/usuários e, por este motivo, eles são sociais e culturais.

Bakhtin (2003, p.267) afirma que “[...] as mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso”, ou seja, os enunciados e o tipo a que pertencem são as “[...] correias de transmissão” que carregam da história da sociedade à história da língua. E mais, qualquer novo fenômeno, seja fonético, lexical, gramatical, não pode entrar no sistema da língua sem ter sido amplamente testado e aprovado pelo acabamento do estilo-gênero. Assim, é necessário se encaixar nas convenções sociais e culturais.

Os enunciados formados pelos usuários do sistema são individuais e transmitem a individualidade de quem fala ou escreve, por isso, os gêneros também envolvem questões de estilo, como citado anteriormente. Contudo, como discutimos, o padrão genérico precisa ser relativamente seguido para que haja entendimento por parte do interlocutor.

Em artigos acadêmicos, por exemplo, quando se lê um resumo, o que se espera é que o autor revele quais os principais objetivos do estudo em questão, assim como os métodos que foram empregados, seguidos dos resultados obtidos e de conclusões retiradas da pesquisa realizada. Todo este passo-a-passo é esperado pelo interlocutor, uma vez que a leitura de um resumo é pertinente a quem vai decidir se ler o artigo, na íntegra, vale ou não a pena. Veja, no TEXTO 1, o que se espera ao ler um resumo de artigo científico (as partes destacadas em amarelo servem para demonstrar o necessário para a estrutura de montagem do texto/discurso).

UM OLHAR HUMANÍSTICO SOBRE A EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA	
	Suelânia Oliveira Araújo Miranda*
	Maria Engênia L. M. Castanho*
	Vera Lúcia de Carvalho Machado*
Resumo: O texto discute as relações entre o trabalho e a educação no ensino superior brasileiro. Analisa as mudanças no perfil sócio-cultural dos trabalhadores de hoje e dos estudantes que ingressam no curso superior noturno procurando mostrar suas reais condições frente às consequências da globalização, suas dificuldades e seus caminhos na trajetória entre trabalho e estudo. Mostra que as causas podem ser encontradas no predomínio da formação técnica em detrimento de uma formação humanística de caráter global. Através de pesquisa bibliográfica estudam-se as contradições existentes na sociedade sendo que a educação precisa ser um direito e não uma mercadoria. Aponta ainda a necessidade de um trabalho didático-pedagógico voltado não só para a dimensão técnica, mas igualmente para as relações sociais com ênfase no professor universitário com consciência política e crítica. Conclui sobre a necessidade de compreender as transformações sociais, procurando na educação uma forma de construção do saber universitário com espaço para a articulação da qualidade com a quantidade, evitando a indesejável dicotomia entre ambos os aspectos.	
Palavras-chave: Trabalho; Ensino Superior; Globalização; Formação Técnica; Formação Humanística.	

TEXTO 1: Exemplo do gênero resumo de artigo científico

Fonte: <https://lusoleituras.wordpress.com/2010/03/20/modelo-de-resumo-recordando/>. Acesso em: 23 de set. 2020.

Dessa maneira, entende-se o motivo de Bakhtin compreender os gêneros como sendo dialógicos, uma vez que, quando nos comunicamos fazendo uso deles, levamos em consideração o que falamos, a quem e como. Quem escreve/fala pensa sempre em seu ouvinte/leitor e, claro, o enunciado proferido, para Bakhtin, traz consigo a responsividade ativa do interlocutor que pode concordar, discordar (completa ou parcialmente), completar, adaptar e, até mesmo, silenciar.

Essa alternância dos sujeitos falantes é diversamente caracterizada e adota formas variadas. Cada réplica (alternâncias das enunciações dos parceiros no diálogo), por mais breve e

fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor (um dos traços fundamentais do enunciado – conclusibilidade específica), sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva. (BAKHTIN, 2003, p. 276).

Essas réplicas propõem o outro como membro da comunicação/ação verbal e o discurso como continuamente inacabado. Assim, o estudo dos gêneros em sala de aula se faz expressamente viável no sentido de que não se consegue analisar frases isoladas para compreender o funcionamento da língua. É importante que o professor, mediador do ensino, entenda e utilize suas aulas para trazer essa realidade à vida dos alunos. Ao se ensinar língua de forma tradicional pelo estudo das orações dissociadas de contexto, não há aprendizagem de toda riqueza que o sistema linguístico é capaz de proporcionar.

Por conseguinte, Bakhtin afirma que o contexto da oração é o contexto do discurso de um único e mesmo sujeito falante (do locutor) e a relação existente entre a oração e o contexto da realidade (a situação, as circunstâncias, a pré-história), e os enunciados de outros locutores não é uma relação pessoal ou direta, é intermediada por todo o contexto que a rodeia, ou seja, pelo enunciado em seu todo. A oração, sozinha, não possui capacidade de determinar responsividade, apenas pode participar dessa propriedade quando analisada no todo do enunciado, mas dentro de um contexto, ela alcança plenitude de sentido.

Enfim, não aprendemos a língua materna em dicionários, enciclopédias ou gramáticas, mas nos enunciados que ouvimos e reproduzimos durante a ação verbal entre os indivíduos que nos rodeiam, enunciados estes que são introduzidos em nossa consciência e experiência. Isso significa dizer que aprender a falar é entender a estruturação dos enunciados, dos gêneros discursivos, pois somente através deles nos comunicamos e a organização gramatical (sintaxe) dentro dessas esferas. Toda essa dinâmica faz com que o falante molde sua fala conforme o gênero, ouça a fala do outro e, até, saiba, de imediato, prever o fim do discurso, uma vez que, desde o início é sensível ao todo discursivo.

Em suma, podemos referir aos gêneros como os textos/discursos que são materializados em situações de comunicação recorrentes e são encontrados em nossa vida diária, apresentam padrões sociocomunicativos peculiarmente definidos por composições funcionais, objetivos de enunciado e estilos concretizados na relação de forças históricas, sociais, técnicas, institucionais.

No próximo subtópico, trataremos dos gêneros textuais acadêmicos e de suas peculiaridades.

2.1.1 Gêneros textuais acadêmicos: do que estamos falando?

Esperamos que, até aqui, o conceito de gênero discursivo trazido por Bakhtin tenha ficado claro. E, apenas para relembrar, os gêneros fazem parte da nossa comunicação na vida cotidiana, pois não nos comunicamos senão através deles. Eles trazem uma carga social e cultural imensa e justamente por fazerem parte da ação comunicativa humana, possuem estrutura relativamente estável e carregam o estilo de cada indivíduo falante/ usuário do sistema linguístico. São classes de eventos comunicativos.

Assim, quando tratamos dos gêneros textuais acadêmicos, estamos abordando os discursos e textos orais ou escritos que circulam pelo ambiente da academia ou universidade. São gêneros específicos que, muitas vezes, só recaem em nosso conhecimento quando adentramos nesse meio, apesar de algumas escolas já trabalharem com alguns deles esporadicamente. Estamos falando das resenhas, resumos, fichamentos, ensaios, artigos, dentre outros.

A elaboração de gêneros textuais acadêmicos se constitui, muitas vezes, para obtenção de titulação, como é o caso da monografia, dissertação e tese. No entanto, neste material, focaremos o estudo dos gêneros acadêmicos mais corriqueiros, aqueles que circulam na esfera universitária como meio de comunicação entre docentes, pesquisadores, discentes, variando em seus propósitos comunicativos.

Aranha (2007), afirma que o discurso acadêmico é permeado de características linguísticas e argumentativas constitutivas e, como afirmamos anteriormente, podem ser orais, como os debates, seminários, aulas, palestras; ou escritos, como os resumos, artigos, resenhas, fichamentos, monografias etc. Na comunidade acadêmica, há conjuntos de objetivos que são partilhados entre os membros, além de estruturas de intercomunicação que, com diferentes tipos de propósito, buscam manter o sistema de valores e credíes; ampliar o alcance da comunidade, utilizando os gêneros que lhes são próprios, ou com a criação de outros; e manter o sistema hierárquico que acaba por definir a inclusão, participação e crescimento da comunicação dentro e fora do grupo. Com isso, fica clara a necessidade de domínio desses gêneros a fim de transitar na esfera acadêmica com mais facilidade, assim como permanecer nela.

A academia possui uma comunidade discursiva própria em que os membros compactuam de determinados discursos como maneira de solidificar os sistemas de valores da comunidade e que, baseados nos gêneros textuais acadêmicos, materializam discursos com objetivos comunicativos variados como divulgação de pesquisas, relatos de experiências, exposições conteudistas etc.

A partir deste ponto, convidamos você, estudante, a refletir sobre a imprescindibilidade de inserção na comunidade acadêmica, principalmente com o uso dos gêneros textuais, que giram em torno dos conhecimentos das regras que estruturam as práticas discursivas e sociais, a fim de permanecer neste meio. Não é intenção deste material discutir o que é a academia, mas é importante deixar claro que muitos estudantes chegam até ela sem saber que tipo de práticas comuns ao meio acadêmico, qual é o seu discurso e, conseqüentemente, como produzi-los. Assim, o intuito, aqui, é mostrar que o universitário precisa participar ativamente da comunidade discursiva acadêmica, refletir a respeito dela para que possa se sentir um membro.

Aqui nesta Unidade 2 deste material, trataremos de deixar vocês, estudantes, a par de alguns desses gêneros tão importantes ao universo acadêmico para que, com habilidade, vocês consigam manejar as convenções comunicativas dessa comunidade. Antes, porém, abordaremos as questões de tipologia textual, tão necessárias ao conhecimento discente quanto às de gênero.

2.1.2 Tipologia dos gêneros acadêmicos

Geralmente, há uma confusão quando se questiona a diferença entre tipos e gêneros textuais e, neste subtópico, nós adentraremos na questão da tipologia textual, mais especificamente, dos gêneros acadêmicos. Para começar, revisemos o que são os tipos textuais.

Para Marcuschi (2008, p. 154), o tipo textual designa a construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição, caracterizando-se mais como sequências linguísticas e/ou retóricas do que como discursos materializados, já que esse é o caso dos gêneros. São modos textuais que abrangem as categorias denominadas como:

- a. Narração: tem como principal finalidade a narração ou contação de uma história através de sequências de ações imaginárias ou reais. Exemplos: depoimentos, contos, fábulas, romances etc.
- b. Argumentação: objetiva persuadir e convencer o interlocutor a acordar com a tese defendida. Exemplos: manifestos, artigos de opinião, sermões etc.
- c. Exposição: possui a tendência de expor um ponto de vista ao leitor, não havendo carência de convencê-lo. Exemplos: enciclopédias, verbetes de dicionários, resumos escolares etc.

- d. Descrição: tem como principal finalidade apresentar a descrição minuciosa de algo, alguém ou fato e levar o interlocutor a criar uma imagem mental do que foi descrito. Exemplos: cardápios, classificados, folhetos turísticos etc.
- e. Injunção: também conhecido como explicativo ou prescritivo, intenta instruir o leitor/ouvinte sobre algum procedimento, fornecendo informações que condicionam a ação desse interlocutor. Exemplos: manuais, receitas, bulas de remédio etc.

Diferentemente dos gêneros textuais, que são inúmeros, os tipos são limitados e não possuem tendência a aumentar. É certo que em um enunciado ou texto podem se estabelecer mais de um tipo textual, no entanto, há sempre a predominância de um deles e, por isso, diz-se que um texto é narrativo ou argumentativo ou expositivo, assim por diante.

Então, qual seria a tipologia dos gêneros acadêmicos? Para responder à questão, convidamos você a ler novamente o resumo apresentado no **TEXTO 1**. Depois, tente responder as seguintes questões:

1. Qual a predominância tipológica?
2. Seria uma narração?
3. Existe uma história sendo contada ali, uma sequência de fatos?
4. Ou podemos dizer que é mais voltado à descrição?
5. Poderia ser uma exposição?

Como mencionado anteriormente, podemos constatar mais de um tipo textual em um texto, no entanto, há sempre a predominância de um. No caso do resumo trazido no **TEXTO 1**, há uma exposição de pontos relevantes do texto, a natureza do trabalho, seu contexto, os objetivos, metodologia, os resultados e, por fim, as conclusões. Portanto, a resposta mais adequada seria dizer que o **TEXTO 1** (resumo), é um texto do tipo expositivo, uma vez que apresenta, de forma concisa, informações pontuais da pesquisa realizada.

Você pode pensar: “Esse texto não se enquadraria num tipo descritivo?” A resposta é não, porque a descrição apresenta informações minuciosas, a ponto de levar o leitor a criar uma imagem mental daquilo que está sendo descrito e esse não é o caso do resumo.

2.2 FICHAMENTO

Em *Como se faz uma tese*, Umberto Eco (2010 [1989]) nos fala sobre a situação ideal para que um pesquisador possa empreender as pesquisas necessárias ao desenvolvimento de uma tese, o que serve a qualquer empreendimento de pesquisa científica: ter em casa todos os livros e demais materiais dos quais precisará. Entretanto, ele ressalta que “[...] essa condição ideal é muito rara mesmo para um estudioso profissional” (ECO, 1989, p.87). Nos dias de hoje, aparatos tecnológicos como o celular tornou possível não apenas levar na bolsa um pequeno aparelho eletrônico capaz de carregar uma biblioteca repleta de centenas de livros, mas também a possibilidade de grifá-los, comentá-los e organizá-los.

Chamamos comumente de fichamento ou ficha de leitura, o gênero acadêmico utilizado para registrar o material lido, cujo conteúdo é considerado importante para a aprendizagem e/ou para a pesquisa. Em geral, nele são registradas informações advindas da leitura de outros gêneros acadêmicos conhecidos, como artigos, dissertações e teses, mas também de livros e outros materiais.



Dica

De acordo com Gil (2008), quanto aos procedimentos técnicos, as pesquisas podem ser: bibliográfica, documental, experimental, levantamento, estudo de campo, estudo de caso e pesquisa-ação. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A pesquisa bibliográfica pode ser realizada juntamente com outros procedimentos técnicos. A pesquisa bibliográfica faz parte de qualquer empreendimento científico.

O fichamento é utilizado para registrar trechos ou as impressões de leitura dos textos decorrentes do levantamento bibliográfico de uma pesquisa, isto é, da seleção dos textos a serem lidos com o objetivo de embasá-la.

Após a seleção dos textos que constituem o que chamamos de referencial teórico e/ou metodológico da pesquisa, o pesquisador empreende a leitura atenta dos textos, identificando, selecionando, interpretando e analisando os pontos que interessam a sua pesquisa. Por esse motivo, o fichamento não busca contemplar, necessariamente,

a totalidade de uma obra ou edição de um periódico, é possível selecionar apenas os capítulos de um livro ou alguns artigos de um ou mais periódicos que interessam aos seus estudos ou a alguma pesquisa que pretende empreender.

Para Marconi e Lakatos (2003), a ficha ou fichamento é um instrumento imprescindível para o pesquisador manipular o material bibliográfico essencial para sua pesquisa, pois permite: “a) identificar as obras; b) conhecer seu conteúdo; c) fazer citações; d) analisar o material; e) elaborar críticas” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 49).

Para Prodanov e Freitas (2013), sua importância está em tornar possível a identificação dos textos necessários a determinado estudo, o registro e a reflexão sobre o conteúdo desses textos, assim como em organizar a informação colhida de forma a facilitar a sua recuperação. O fichamento, portanto, “[...] além de possibilitar a organização das informações colhidas em textos, serve como método de aprendizagem” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.135).

Acredita-se que o nome fichamento tenha relação com o registro dos textos lidos e interpretados sob a forma de fichas e a organização dessas em fichários, ordenados internamente conforme a necessidade do leitor, que poderia optar, por exemplo, entre organizar as fichas por autor, por tipo de material ou por tema. No contexto em que não havia ainda o recurso tecnológico do computador, as leituras eram registradas em fichas conforme imagem a seguir:

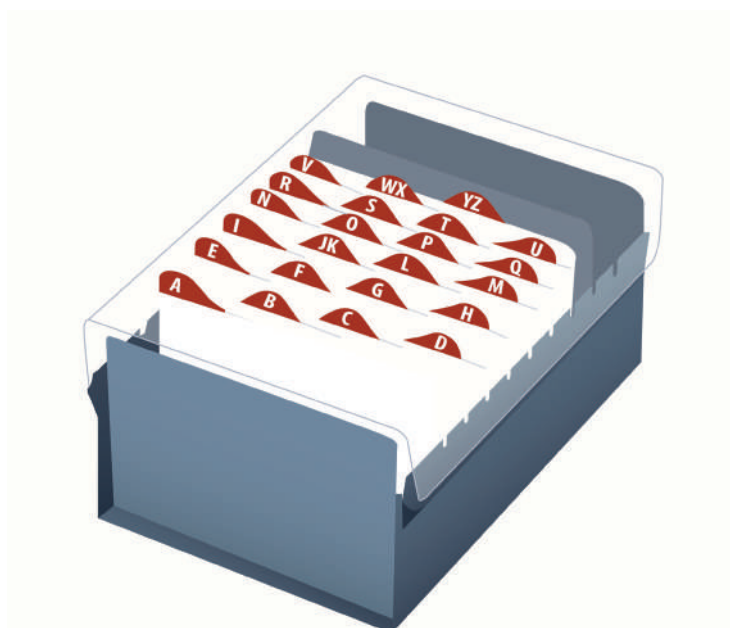


FIGURA 3 : Exemplo de fichário para organização por fichas

Fonte: Ilustração de Amanda Fahel - Equipe SEAD

1	Cabeçalho	Fichamento de citação	Metodologia da pesquisa Prof. Ivan Claudio Guedes
		CARLOS, A. J. O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Labur. 2007.	
2	Exemplo de texto	"A Geografia Urbana deve contemplar, em sua análise sobre o fenômeno urbano, uma crítica à formulação do saber sobre a cidade, porque é impossível separar a produção social do espaço da cidade da produção de um pensamento sobre a cidade." (CARLOS, 2007. p.19).	
		"A Geografia Urbana deve contemplar, em sua análise sobre o fenômeno urbano, uma crítica à formulação do saber sobre a cidade, porque é impossível separar a produção social do espaço da cidade da produção de um pensamento sobre a cidade." (CARLOS, 2007. p.19).	
3	Local em que se encontra a obra		Biblioteca da Faculdade de Letras

FIGURA 4: Exemplo de ficha

Fonte: galoa.com.br/

No contexto da intensificação do uso tecnológico, você tem a opção de substituir as fichas em papel por fichas de leitura personalizadas em *softwares* de edição de textos, como o *Microsoft Word*, ou utilizar modelos de fichas de leitura existentes, como o modelo elaborado por Lubisco (2018), disponibilizado como exemplo ao final desse tópico.

Atualmente, também existem alguns *softwares* de gestão bibliográfica – como o Zotero e o Mendeley – que não apenas facilitaram a leitura e fichamento dos textos, mas também a organização e recuperação das informações necessárias às pesquisas.



Sabendo um pouco mais

Para saber sobre o Zotero e o Mendeley acesse: <https://www.zotero.org>. e https://www.mendeley.com/?interaction_required=true.

Veja também alguns tutoriais produzidos pela UNICAMP e disponíveis em: https://portal.ifi.unicamp.br/images/files/biblioteca/tutoriais/Guia_Zotero_Fevereiro_2015_IFGW-04-03-15.pdf e https://www3.eco.unicamp.br/biblioteca/images/arquivos/pdf/Tutorial_Mendeley_Pietra.pdf

De acordo com Medeiros (2006, p. 111), o fichamento deve ser precedido da leitura do texto a ser fichado e “[...] compreende: capacidade de analisar o texto, separar suas partes e examinar como se inter-relacionam e como o texto se relaciona com outros, e competência para resumir as ideias do texto”. Dito isso, destacamos que, para elaborar um fichamento, é preciso, antes de tudo, ter lido o texto e ter compreendido sua estrutura argumentativa, e, principalmente, quais aspectos do texto estão vinculados aos seus objetivos de leitura. Em geral, o fichamento destina-se ao próprio pesquisador, sendo um importante instrumento para organização dos seus estudos.

2.2.1 Os tipos de fichamento

Os tipos de ficha ou fichamento estão vinculados à finalidade do registro daquilo que é lido. Assim, comumente são reconhecidos alguns tipos de fichamento, quais sejam: fichamento bibliográfico, fichamento de citação, fichamento de comentário ou analítico, fichamento de resumo ou conteúdo (MARCONI; LAKATOS, 2003):

- **Fichamento bibliográfico de obra total ou parcial:** registra os dados bibliográficos de determinada obra, vinculando-a a um ou mais aspectos, como ao campo do saber abordado, aos problemas dos quais trata, às conclusões alcançadas, às contribuições, às fontes dos dados e aos métodos e procedimentos utilizados pelo autor. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p.136) “[...] é a descrição, com comentários, dos tópicos abordados em uma obra inteira ou parte dela”.
- **Fichamento de citação ou transcrição:** “[...] consiste na reprodução fiel de frases ou sentenças consideradas relevantes ao estudo em pauta” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.57). Nesse modelo é importante observar o que estabelece a NBR 10520, que estabelece especificamente das regras para construção de uma citação.
- **Fichamento de comentário ou analítico:** “[...] consiste na explicitação ou interpretação crítica pessoal das ideias (sic) expressas pelo autor, ao longo de seu trabalho ou parte dele” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 59). Nesse modelo de fichamento é possível comentar passagens do texto vinculando-as à aspectos do trabalho do pesquisador, assim como estabelecer análise crítica do conteúdo do texto lido e comparação deste com outros textos lidos sobre o mesmo tema, explicitando a importância do texto para o estudo em pauta.
- **Fichamento de resumo ou de conteúdo:** o pesquisador apresenta com suas próprias palavras uma síntese das ideias principais do texto lido ou um resumo dos aspectos considerados mais importantes da obra. Marconi e Lakatos (2003) destacam que não

se trata de um sumário das partes que compõem a obra, nem de uma transcrição - como é o fichamento de citação -, mas trata-se de uma exposição das ideias apresentadas na obra estudada. É importante assinalar que, diferentemente do fichamento de comentário, o fichamento de resumo fixa-se apenas na obra lida.

Para Marconi e Lakatos, “[...] quando se desejam maiores detalhes sobre a obra, o ideal é a ficha [ou fichamento] de resumo ou conteúdo [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.57). É importante reforçar que no fichamento de citação os trechos são selecionados conforme o original e poderão ser utilizados sob a forma de citações, diferentemente do fichamento de resumo, que se propõe a sintetizar as principais ideias do texto, sob a forma de paráfrase. Já o fichamento de comentário, busca registrar as citações e as impressões delas decorrentes, sob a forma de comentários. O fichamento de comentário abre, então, espaço para que o autor estabeleça críticas ao texto e relações comparativas ou associativas com outros textos lidos. Esse último trata-se de um empreendimento fundamental para a elaboração de outro gênero que você conhecerá: a resenha.

2.2.2 Estrutura retórica

A estrutura básica de um fichamento, isto é, o conjunto das informações que devem constar em um fichamento, seja ele produzido em ficha ou através de um aplicativo de composição de textos, deve compreender pelo menos três elementos essenciais: cabeçalho, referência bibliográfica e corpo da ficha ou texto (MARCONI; LAKATOS, 2003; PRODANOV; FREITAS, 2013). Há, ainda, outras informações optativas, como indicação da obra e o local em que ela pode ser encontrada (MARCONI; LAKATOS, 2003), seja numa biblioteca pessoal seja numa biblioteca pública. O mesmo é válido para os textos em suporte digital arquivados no seu computador pessoal.

2.2.3 O que diz a norma

Não existe, efetivamente, uma norma para produzir fichamento. Devemos atentar que fichar o texto é muito mais uma técnica de estudo e, por isso, nada mais razoável do que permitir que cada pessoa faça seus ajustes para tornar o estudo funcional. Contudo, é de bom senso que, ao utilizar estruturas que são normatizadas, a gente faça uso do que diz a norma. Por exemplo, quando vamos produzir uma ficha de referência, é interessante fazermos seguindo o indicado pela NBR 6023, de 2018, que detalha os elementos que devem aparecer numa referência. De forma resumida, os principais elementos a serem incluídos na elaboração das referências são: autor, título da obra, edição, local de publicação, editora e data da publicação. Exemplo:

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. São Paulo: Brasiliense, 1995.



Sabendo um pouco mais

Para aprender mais sobre os elementos essenciais para composição de referências, leia o material disponível no link: <https://usp.br/sddarquivos/aulasmetodologia/abnt6023.pdf>

Para o fichamento de citação, principalmente, assim como para os demais modelos de fichamento em que se faça o uso de transcrições ou paráfrases de trechos, como também a menção às ideias e aos argumentos disseminados na produção textual de determinado autor (citação indireta), devemos utilizar a NBR 10520, de 2002.

De acordo com a NBR 10520, a menção à informação extraída de outros textos ou citação, pode aparecer como transcrição literal ou como uma paráfrase.

Chama-se citação direta (ou textual) a transcrição literal que utiliza as próprias palavras do autor consultado; chama-se citação indireta (ou paráfrase) aquela em que são reproduzidas as ideias de um autor, sem transcrevê-las, podendo até ser resumidas; chama-se citação de citação – direta ou indireta – aquela que se refere a obras citadas por outros autores e às quais não se teve acesso. Esta última deve ser usada com parcimônia, em caso real de não localização da obra original, pois hoje, com a internet e as bibliotecas digitais, muitas obras estão disponíveis na rede. (LUBISCO; VIEIRA, 2019, p. 73)

Medeiros (1999) ressalta que, no modelo de fichamento de citação ou transcrição, é preciso se atentar para o rigor na transcrição, respeitando elementos como aspas, itálicos, pontuação, etc. Não é possível alterar o texto trocando palavras, por exemplo, mas podem ser feitas supressões, no sentido de adequar a citação ao objetivo do pesquisador, sem que haja interferência na forma do texto. Para propor cortes ou supressões de uma ou mais linhas, devemos utilizar o seguinte recurso: três pontos entre colchetes [...]. Exemplo:

“Completude, referência, tematização, coesão, unidade são conceitos que definem o texto como tal. [...] Assim, o autor apresenta critérios que orientam o processo de escrita” (MEDEIROS, 1999, p.120).

Segundo a ABNT, existem duas formas de citar um texto: através da indicação do autor e da data, o que vai compor o sistema autor-data; ou através da indicação de números no texto que remeterão para notas de rodapé ou notas finais, nas quais são apresentados os dados da citação, o chamado sistema numérico. Recomendamos o uso do sistema autor-data, que é exatamente o apresentado no exemplo acima. Para ler mais sobre citação, recomendamos o **Manual de Estilo Acadêmico da UFBA** para trabalhos acadêmicos.

Conforme o sistema autor-data, são possíveis diversas formas de citação, sendo as mais elementares (LUBISCO, VIEIRA, 2019, p.74):

- a. cita-se o autor pelo sobrenome em maiúsculas, entre parênteses, seguido do ano de publicação, separando-os por vírgula. Ex.: (MARQUES, 2006);
- b. quando o nome do autor fizer parte da sentença, somente a sua inicial será maiúscula e apenas a data aparecerá entre parênteses (seguida da indicação da página, se for o caso). Ex.: Como diz ainda Alvarenga (1993), [...];
- c. para indicar a(s) página(s) onde se encontra o trecho citado, ela(s) deve(m) aparecer depois da data, separada(s) desta por vírgula e precedida(s) da letra “p.” Ex.: “[...] em estabelecimentos de ensino superior”. (LIMA, 1978, p. 10)

Na NBR 10520, as demais formas de citação referem-se às diferentes situações decorrentes da quantidade de autores, das obras publicadas por um mesmo autor, do ano de publicação das obras de um mesmo autor, de diferentes obras com a mesma autoria, coincidência de sobrenomes dos autores, autoria desconhecida, dentre outras. Por esse motivo, as normas da ABNT existem para serem consultadas sempre que houver necessidade de normatizar os gêneros acadêmicos.

2.2.4 Exemplos

A partir do que já foi dito, observe que o fichamento de resumo pode ser o próprio gênero resumo, sendo uma exceção quando ele não se propõe a obedecer à progressão e à articulação argumentativa do texto lido. O fichamento de comentário ou analítico registra as informações, análises e críticas fundamentais para a elaboração de uma resenha. Por esse motivo, do ponto de vista dos exemplos, daremos maior destaque ao fichamento de citação e ao fichamento de comentário, uma vez que os próximos itens a serem trabalhados na UNIDADE II serão os gêneros resumo e resenha.

Transcrição	A PEDAGOGIA LIBERAL: IMPLANTAÇÃO
PORTO. Maria do Rosário Silveira. <i>Função social da escola</i> . In: FISCHMANN, Roseli (Coord.). <i>Escola brasileira</i> . São Paulo: Atlas, 1987. p. 39-42.	
“Conforme dissemos no item anterior, a pedagogia liberal que marca o desenvolvimento das escolas do século passado e que ainda influencia a prática escolar no Brasil é consequência de uma doutrina liberal, que defendia a liberdade e os interesses individuais numa sociedade cuja organização se direcionava para a posse da propriedade privada e dos meios de produção; portanto, como justificação do sistema capitalista.	
Para a pedagogia liberal, a escola tem a função de preparar o indivíduo para desempenhar papéis sociais, tendo em vista sua aptidão individual, seu talento inato e seus interesses. Na verdade, o que ela tenta fazer é adaptar o indivíduo às normas e valores vigentes numa sociedade de classes, por meio do seu desenvolvimento cultural. Para tanto, há um acervo de conhecimentos acessível ao aluno, cabendo ao professor estabelecer condições para que este apreenda tais conhecimentos, quer ministrando-os diretamente ao aluno, como na escola nova.”	

Exemplo 1: Fichamento de Citação ou Transcrição

Fonte: MEDEIROS, 1999

Comentário	RELAÇÃO LEITOR/OBRA
TACCA. Oscar. <i>As vozes do romance</i> . Coimbra: Almedina, 1983. p. 152-153.	
Notam-se no texto de Tacca as seguidas transformações por que passa o leitor: inicialmente, convidado; depois, participante da família e, por fim, transfigurado. A comparação explicita o comportamento do leitor com a obra e a impossibilidade de permanecer distante, amorfo, inerte. A leitura possibilita a transfiguração, a transformação radical que leva a atingir um estado glorioso. E, neste caso, leva o leitor a um contato com realidades estranhas ao mundo sensível. Talvez se possa ver aí um resquício da filosofia de Plotino que dizia que a arte dá acesso à realidade absoluta. E a arte transforma-se numa atividade espiritual.	

Exemplo 2 : Fichamento de Comentário

Fonte: MEDEIROS, 1999

	<i>Referência (completa):</i>
	<i>Palavras-chave:</i>
	<i>Tema central (objeto):</i>
	<i>Contexto da produção do texto e possíveis influências sobre o(s) autor(es):</i>
	<i>Conexões com outros temas/autores:</i>
	<i>Ideias principais do texto:</i>
	<i>Ideias secundárias:</i>
	<i>Principais autores citados:</i>
	<i>Opinião pessoal sobre o texto (relacionamento com os conteúdos discutidos em sala de aula):</i>

Exemplo 3: Ficha de Leitura

Fonte: LUBISCO, 2018

2.3 RESUMO

Os resumos acadêmicos, assim como as sinopses de filmes e as informações contidas na contracapa de livros, são, de modo geral, trabalhos de síntese, isto é, se propõem a apresentar, de forma concisa, as principais informações dos objetos aos quais se referem. Observe os textos a seguir:

Espetáculo: Pele Negra, Máscaras Brancas



Foto: Adeloyá Magnoni

Sinopse: Com uma encenação (Onisajé) e uma dramaturgia afrofuturista (Aldri Anunciação), o espetáculo perpassa três períodos – 1950, 2019 e 2888 - para falar sobre como o processo de colonização construiu sofrimentos psicológicos em corpos negros, que perduram até o século 29, e como é importante ter o passado como referência para construir o futuro.

Texto 2

Fonte: A tarde

Resumo
Qual o potencial das fronteiras da cena sem expor os ditames políticos vigentes no sistema educacional de um país? Que visualidades da cena são interditas na contemporaneidade? De que modo as censuras vividas na cena teatral transgênera no Brasil do século XXI matizam as normatividades de uma pedagogia antidemocrática de Estado? E, por fim, qual poderia ser o papel da arte da <i>performance</i> na defesa da educação democrática? Este artigo propõe uma reflexão teórica sobre a luta por Direitos Humanos no campo da Educação, desenrolada a partir do olhar sobre os processos recentes de pedagogia teatral e da arte da <i>performance</i> . Com base no texto de Boal (2009), no qual a Estética é qualificada como um Direito Humano, pretendemos levantar nos atributos de liminaridade da arte da <i>performance</i> vetores democráticos que possam subsidiar as práticas pedagógicas da cena. Para tanto, retomamos o conceito de liminar, proveniente da Antropologia Social (TURNER, 1974), e indicamos como sua aproximação ao campo das artes, por Caballero (2011), promoveu-lhe expansão e sutileza ao sublinhar que a efemeridade do fenômeno cênico liquefaz as tensões políticas em modo de uma pedagogia fronteira. Como indicativos críticos do texto, aventamos três proposições de liminaridade de cena: a excentricidade, a ética da coralidade votiva e o pensamento situado. Pretende-se perceber de que maneira esses dispositivos visuais na arte da <i>performance</i> estão no bojo do ataque e da resistência no contexto da defesa da educação democrática.
Palavras-chave: Visualidades da cena, Arte da performance, Liminaridade, Educação democrática, Pedagogias da cena.

Texto 3

Fonte: A liminaridade das práticas pedagógicas da cena. Sala Preta, 19(2), 179-196. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v19i2p179-196>. Acesso em: 27 ago. 2020.

Leia os textos e responda:

1. Qual o objetivo comunicativo dos textos?
2. A quem se destinam? Destinam-se a um mesmo público?
3. Onde as sínteses foram publicadas?

Observem que os dois textos apresentam a seleção de elementos que foram considerados de maior importância no espetáculo teatral e no texto aos quais se referem.

Para Prodanov e Freitas (2013, p. 146) os gêneros textuais sinopse (**TEXTO 2**) e resumo (**TEXTO 3**), diferenciam-se, principalmente, pela finalidade da comunicação. Na sinopse, a ênfase recai no aspecto mais geral da temática de um texto, enquanto o resumo busca sintetizar todas as ideias principais do tema do texto. De acordo com Lakatos e Marconi (1992), a finalidade do resumo é difundir as informações contidas em livros, artigos, teses, etc, “ [...] permitindo a quem o ler resolver sobre a conveniência ou não de consultar o texto completo”. Nessa perspectiva, o **TEXTO 2** e o **TEXTO 3** teriam, então, a mesma finalidade?

Apesar de serem redigidos de modo a não emitir juízo de valor ou comentário crítico sobre o conteúdo lido, resumo e sinopse diferenciam-se, principalmente, porque o primeiro apresenta a síntese de todas as principais ideias do tema, assim como respeitará a progressão e o modo como o texto de base foi articulado; enquanto o segundo delimita apenas a ideia global. Observamos como, em geral, nas sinopses de espetáculos e filmes nunca sabemos como eles acabam? Já no resumo, a síntese nunca está dissociada da progressão textual, isto é, ela considera a introdução, o desenvolvimento e as conclusões do texto de referência.

O resumo é um gênero informativo-referencial (MEDEIROS, 1999), pois ele abre ou apresenta os textos a que se referem. Severino (2014, p.179) chama a atenção para a existência de duas possibilidades de resumos no âmbito acadêmico: o resumo como síntese de um texto, qualquer que seja sua natureza; e o resumo técnico como modo de apresentação de um trabalho, com configuração específica.

O resumo-síntese pode ser usado como estratégia de documentação, como instrumento para estudo pessoal, mas nas situações de comunicação científica é o resumo técnico-científico, conforme norma da ABNT, que deve ser utilizado. É a partir do resumo técnico-científico que, em geral, submetemos trabalhos em eventos acadêmicos e científicos, assim como ele é o elemento que estabelece o primeiro contato do leitor com um artigo, quando publicado em um periódico científico, por exemplo. Lido o resumo, o leitor pode sentir ou não a necessidade de consultar o trabalho completo.



Texto 4

Fonte: <http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/532>

Observamos como o **TEXTO 4** reduz o conteúdo do artigo às suas principais informações. Juntamente com o título e as palavras-chave, ele fornece algumas pistas sobre o que poderemos encontrar no artigo. Quando vinculado à comunicação das produções acadêmicas, o resumo é seguido das palavras-chave, isto é, dos principais termos que representam o conteúdo abordado no original, facilitando a recuperação da informação em situações de pesquisa.

Além do resumo em língua portuguesa, em geral, os periódicos acadêmicos, assim como os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), dissertações e teses, demandam a produção do resumo e das palavras-chave em língua estrangeira, que, em língua inglesa, intitulam-se *abstract* e *keywords*. Assim como no **TEXTO 4**, o **TEXTO 5** e **TEXTO 6** exemplificam o resumo e palavras-chave em língua portuguesa e em língua estrangeira apresentados em uma tese de doutorado desenvolvida e defendida no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da UFBA.

DE ANDRADE, Andreia Fernandes. O Teatro no ensino médio: um mapeamento sobre a situação do ensino da Arte na rede pública estadual na cidade de Salvador no início da década de 2010. 230 pp. 2013. Tese (Doutorado) - Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013

RESUMO

Esta pesquisa visa a perscrutar a situação atual do ensino do Teatro nas escolas de nível médio da rede estadual na cidade de Salvador, objetivando constatar se houve a superação do antigo modelo da Educação Artística para a nova proposta que prevê a sua inserção como um dos conteúdos da disciplina Arte. Averiguou-se, o cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9.394/96, a partir das questões motivadoras no que se refere à inserção das especificidades das linguagens artísticas na estrutura e funcionamento do ensino básico, a sustentabilidade das atividades teatrais no ambiente escolar (sejam elas em caráter curricular ou extracurricular), a condução dessas atividades por um profissional capacitado para exercer a função de professor de Arte-Teatro, aos modos e metodologias recorrentes, bem como os seus fundamentos teóricos de sustentação. Tendo como referencial os documentos oficiais que regulam a inserção das artes na educação básica brasileira e as proposições de Anísio Teixeira para a Escola Parque da Bahia, realiza-se uma descrição do ambiente escolar e dos embates encontrados no cotidiano da sala de aula, o que acaba por revelar importantes aspectos que configuram o contexto no qual se desenvolve esta pesquisa. Para tanto foi realizado um levantamento junto às escolas da capital, com entrevistas e depoimentos colhidos a partir da aplicação de um questionário aberto, cujas informações configuram a base do mapeamento atualizado acerca da situação do Teatro e do funcionamento da disciplina Arte, explicitando-se quatro experiências na escola de nível médio da rede estadual baiana. Busca-se contribuir com o campo da pedagogia do Teatro e do Teatro na Educação, ao fornecer a descrição detalhada da realidade encontrada, como meio de facilitar outras análises no porvir, oferecendo um bom material de suporte e estímulo para pesquisas e propostas que visem à superação de uma situação considerada desfavorável para o ensino das artes e do Teatro.

Palavras-chave: Arte na Educação, Ensino de Teatro, Teatro na Educação, Teatro na Escola Pública. Pedagogias da cena.

Texto 5

Fonte: DE ANDRADE, 2013

DE ANDRADE, Andreia Fernandes. The Theatre in high school: a mapping on the state of the art education in public schools in the city of Salvador in the early 2010. 230 pp. 2013. Thesis (Ph.D) - School of Theater, Federal University of Bahia, Salvador, 2013

ABSTRACT

This research aims to look into the current situation of teaching theater in secondary schools of the state network in the city of Salvador, Bahia, in order to ascertain whether there was overcoming the old model of the subject Artistic Education for the new proposal that provides for its inclusion as one of the contents of the discipline Art. An examination about the fulfillment of the Law of Guidelines and Bases of National Education No. 9.394/96, started from motivating questions with regard to the insertion of specific artistic languages in the structure and operation of basic education, the sustainability of theatrical activities at school (whether curricular or extracurricular nature), the conduct of these activities by a trained professional to perform the function of Art-Theatre teacher, the modes and methodologies applicants and their theoretical basis of sustaining. Taking as reference the official documents which regulate the inclusion of the arts in Brazilian basic education system and the propositions by Anísio Teixeira for the Park School of Bahia, holds up a description of the school environment and the battles found in an everyday classroom, revealing important aspects that form the basis of this updated mapping of the situation of the Theatre and Art discipline, explaining four experiments considered as significant to understanding the current state of theatrical practices in secondary schools of the state network of Bahia. This way we seek to contribute to the field of Theatre Pedagogy and the Theatre in Education by providing a detailed description of the actual situation as a way to facilitate further analysis, offering a good support material and stimulus for new surveys and proposals aimed at overcoming a situation considered adverse for the teaching of the arts and theater.

Keywords: Art in Education, Teaching Theater, Theatre in Education, Theater in Public Schools.

Texto 6

Fonte: DE ANDRADE, 2013

Comparando o **TEXTO 5** e o **TEXTO 6**, você percebe se há alguma diferença quanto ao objetivo da escrita?

A produção de um resumo implica em duas operações: leitura do texto de referência e a produção de um novo texto, que condensa suas principais ideias. Assim, o resumo não é o texto original, mas uma criação feita a partir dele, por isso não é elaborado por meio de técnica de recorte e colagem de citações – como no fichamento de citação –, mas por meio da paráfrase do texto de referência, isso é, uma nova composição textual escrita com suas próprias palavras, respeitando, é claro, a centralidade das ideias do autor e a forma como ele organizou seu texto.

Podemos dizer que o principal objetivo do resumo, enquanto comunicação científica, é reduzir o conteúdo de um texto aos seus aspectos mais essenciais, de forma a atrair os leitores, levando-os a conhecer o texto completo. Um bom resumo pode ser um ótimo instrumento de marketing do texto completo.

2.3.1 Tipos de resumos

No universo acadêmico, os objetivos do resumo definem o seu caráter ou tipologia. É consenso a existência de dois tipos de resumo: o indicativo ou descritivo e o informativo ou analítico. O primeiro tem como objetivo apresentar um sumário narrativos dos principais pontos do texto original, sem adentrar nos detalhes, como nos dados qualitativos e quantitativos. De modo geral, esse resumo é o mais utilizado para preceder as publicações científicas, mas não dispensa a leitura do original, é apenas o seu antecedente necessário, já que “[...] apenas descreve sua natureza, forma e propósito” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 74).

Já o resumo informativo, consiste na difusão mais detalhada e precisa das informações do original. Tem a finalidade de informar o conteúdo e as principais ideias do autor, apresentando o objetivo, a metodologia, os resultados e conclusões do autor. Por ser mais detalhado, ele pode dispensar a leitura do original. Apesar de mais detalhado, faz-se necessário esclarecer que o resumo informativo não se trata de uma “[...] mera repetição sintetizada de todas as ideias do autor” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p.74).

2.3.2 Estrutura retórica

Na UNIDADE I, já falamos de leitura e de análise de textos, agora chegou a hora de demonstrar como a compreensão global do texto é importante para proceder à síntese de suas principais ideias. Algumas questões precedem a elaboração de um resumo: sobre

o que fala o texto? Com que objetivo? Como estão organizadas e articuladas as ideias? A resposta a essas perguntas devem compor a estrutura de um resumo.

Da leitura e compreensão global do texto, passamos ao processo de sumarização, isto é, o processo de redução do texto aos seus principais pontos. Esse processo guia-se por uma lógica: a da economia. De acordo com Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004a, p. 26), o processo de sumarização requer:

Apagamento de conteúdos facilmente inferíveis a partir de nosso conhecimento de mundo.

Apagamento de sequências de expressões que indicam sinonímia ou explicação.

Apagamento de exemplos.

Apagamento das justificativas de uma afirmação.

Apagamento de argumentos contra a posição do autor.

Reformulação das informações utilizando termos mais genéricos. (ex: homem, gato, cachorro [por] mamíferos)

Quanto à redação, o resumo deve condensar o conteúdo e evitar detalhamentos além do necessário à compreensão dos seus objetivos comunicativos.

O resumo é um texto sobre outro texto, que pode ser seu – como um resumo técnico-científico solicitado em situações acadêmicas e científicas (SEVERINO, 2014) – ou de outro autor – síntese para estudo. Por ser um texto sucinto, deve ser claro, objetivo e preciso. A ABNT estabelece que o resumo seja escrito por meio de frases concisas, sem enumeração de tópicos e utilizando a voz ativa e a terceira pessoa do singular.

A articulação entre os principais pontos do texto e as conclusões do autor deve ser claramente explicitada por meio do uso de organizadores textuais ou conectivos, selecionados para demonstrar relações de contrates, conclusão, justificativas, dentre outros.

De acordo com Lubisco e Vieira (2019, p. 56), quanto à redação e à apresentação do resumo:

A frase de abertura deve explicitar o tema do trabalho; em seguida, deve-se indicar a categoria a que pertence (memória, estudo de caso etc). Deve ser evitado o uso de frases negativas, parágrafos, fórmulas, siglas, símbolos, citações bibliográficas. É encabeçado pela palavra RESUMO em negrito e letras maiúsculas, centralizada ao alto, com o texto

em espaço simples e justificado. Ao final, deve incluir as palavras-chave representativas do conteúdo.

2.3.3 O que diz a norma

A ABNT estabelece requisitos para a redação e a apresentação de resumos. Existe, inclusive, uma norma específica para ele, a NBR 6028 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2003). Conforme a norma, o resumo é “[...] a apresentação concisa dos pontos relevantes de um texto”.

A norma estabelece três tipos de resumo: crítico, indicativo e informativo. O resumo crítico é sinônimo de resenha, gênero que falaremos a seguir. Saber o tipo do resumo é importante também para determinar sua extensão.

Caso seja resumo de trabalho acadêmico (teses, dissertação e monografia) e de relatórios técnico-científicos, deve ter entre 150 e 500 palavras.

Caso seja resumo para artigos de periódicos, deve ter entre 100 e 250 palavras.

Caso seja resumo destinado a indicações breves, deve ter entre 50 e 100 palavras. Já os resumos críticos não possuem limites de palavras.

A norma estabelece a apresentação das palavras-chave ao final do resumo, como já visto nos exemplos 3 e 4.



Sabendo um pouco mais

Tem sido uma prática comum nos eventos científicos a exigência de que os trabalhos submetidos à avaliação estejam na forma de um RESUMO EXPANDIDO. A ABNT não estabelece requisitos para redação e apresentação desses resumos, que, do ponto de vista da extensão, é uma versão expandida e mais detalhada dos aspectos metodológicos, dos resultados e das conclusões do autor, que já são contemplados no resumo informativo.

Observe o Manual para Elaboração de Resumo Expandido criado pela Faculdade de Ciência de Tecnologia do Maranhão (FACEMA):

<http://www.facema.edu.br/site/wp-content/uploads/2013/02/ResumoExpandidoFACEMA-CS.pdf>

Conheça também um resumo expandido publicado nos Anais do VI Congresso da ABRACE, em 2010.

<https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3380/3538>

2.3.4 Exemplos

LAKATOS, Eva Maria. <i>O trabalho temporário: nova forma de relações sociais no trabalho</i> . Tese (Livre-docência em Sociologia) - Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1979.2. v.
Etapas do desenvolvimento econômico que caracterizam a transição do feudalismo para o capitalismo. Distinção entre as relações sociais formais de produção e as relações sociais no trabalho, segundo as sucessivas fases de organização industrial: sistema familiar, de corporações, doméstico e fabril também de acordo com a natureza das elites que Introduzem ou determinam o processo de industrialização nas diferentes sociedades: elite dinástica, classe média, intelectuais revolucionários, administrador colonial, líder nacionalista. As elites influem ainda no processo de recrutamento da mão-de-obra, na integração do trabalhador na empresa, na autoridade que elabora as normas referentes à relação entre o trabalhador e a direção da empresa e no caráter da atividade da gerência sobre os trabalhadores. Conceito de trabalhador temporário. Etapas de desenvolvimento econômico das sociedades que influem no processo de trabalho. Organização do trabalho e suas alterações, causa e consequência das transformações da sociedade. Surgimento e desenvolvimento do trabalho temporário segundo as etapas de desenvolvimento econômico e da organização do trabalho. Metodologia da pesquisa, seleção da amostra, técnicas de coleta de dados, enunciado das hipóteses e variáveis. Análise e interpretação dos dados, comprovação ou refutação das hipóteses. Perfil do trabalhador temporário.

Exemplo 1: Resumo indicativo

Fonte: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade.

LAKATOS, Eva Maria. <i>O trabalho temporário: nova forma de relações sociais no trabalho</i> . Tese (Livre-docência em Sociologia) - Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1979.2. v.
A partir da Idade Média, as sucessivas fases da organização industrial apresentam o sistema familiar, onde a produção era realizada pelos membros da família, para seu próprio consumo e não para a venda, pois praticamente inexistia mercado; o sistema de corporações, em que a produção ficava a cargo de mestres artesãos independentes, donos da matéria-prima e das ferramentas de trabalho, auxiliados por aprendizes, atendendo a um mercado pequeno e estável: não vendiam seu trabalho mas o produto de sua atividade; sistema doméstico, com um mercado em expansão, onde o mestre artesão perde parte de sua Independência: surge o intermediário a quem pertence a matéria-prima e, em consequência, o produto acabado; sistema fabril, atendendo a um mercado cada vez mais amplo e oscilante, onde a produção é realizada em estabelecimentos pertencentes ao empregador, sendo o trabalhador totalmente dependente, pois não é mais dono dos instrumentos de produção: vende, portanto, sua força de trabalho. As relações sociais formais de produção resultam "dos direitos definidos de acesso a um particular meio de vida e de participação nos resultados do processo de trabalho". As relações sociais no trabalho compreendem "aquelas relações que se originam da associação, entre indivíduos, no processo cooperativo de produção". A Revolução Industrial não alterou as relações sociais formais de produção do sistema fabril. De acordo com a natureza da elite que orienta, introduz ou determina o processo de industrialização, as relações sociais no trabalho recebem diferentes influências. As principais são: processo empregado no recrutamento da mão-de-obra; na integração do trabalhador na empresa; na autoridade que elabora as normas referentes às relações entre o trabalhador e a direção da empresa; no caráter da autoridade da gerência sobre o trabalhador. A elite dinástica recruta, baseada em laços familiares; utiliza mecanismos paternalistas de integração; elabora normas através do Estado e da própria gerência e tem uma preocupação paternalista com os trabalhadores. A classe média recruta segundo a habilidade; cria mecanismos específicos de integração; a elaboração das normas é pluralista e considera o trabalhador como cidadão. Os intelectuais revolucionários realizam um recrutamento apoiados na filiação política; a integração dá-se através do apelo ideológico; a elaboração das normas encontra-se sobre a égide do partido e do Estado, e a autoridade tem caráter ditatorial, de início, e, mais tarde, constitucional. Os administradores coloniais recrutam segundo a naturalidade; a integração é paternalista; as normas são elaboradas pela metrópole e as formas de autoridade são ditatorial e paternalista. Os líderes nacionalistas recrutam segundo a qualificação profissional e política; a integração baseia-se na elaboração de normas; consideram o trabalhador como patriota; a elaboração de normas destaca o Estado e os dirigentes, e a autoridade depende do tipo de gerentes. Distingue-se o trabalho temporário de outras atividades, tais como: trabalho parcial, recrutamento direto, período de experiência, empréstimo de trabalhador, sub-contratação, empreitada, trabalhador sazonal, diarista, trabalhador externo e trabalhador doméstico. Na conceituação de trabalhador temporário faz-se referência a uma relação triangular entre o empregador (agência de mão-de-obra temporária - fornecedor), o trabalhador temporário e a empresa cliente (tomador). O trabalho temporário "é uma consequência do sistema fabril de produção, surgindo espontaneamente em determinada etapa do desenvolvimento econômico, inserindo-se, geralmente, em formas específicas de organização do trabalho - determinada pela tecnologia e pluralista - sob certas condições: organização contratual, contratos individuais e baseados na ocupação". A sociedade industrialmente desenvolvida favorece o surgimento do trabalho temporário. A ampliação deste é incentivada pelo aumento da divisão do trabalho e pela especialização: coincide sua expansão com o aumento do desemprego. O trabalhador temporário diferencia-se daquele que é fixo por um conjunto de características, sendo as mesmas uma decorrência do tipo de atividade exercida, assim como do tempo de exercício da função. O trabalhador é encaminhado a esta atividade principalmente pela insuficiência de oferta de empregos fixos. O trabalhador temporário é predominantemente do sexo masculino; entre 18 e 30 anos; com primário completo; sem companheiro; família pouco numerosa, geralmente migrante do próprio Estado; renda familiar entre Cr\$ 2.500,00 e Cr\$ 5.000,00 (1976); responsável econômico da família; mora em casa alugada e não possui outra fonte de renda ou bens.
Palavras-chave: Sistema familiar, de corporações, doméstico e fabril. Relações sociais formais de produção. Relações sociais no trabalho. Revolução Industrial. Elite dinástica, classe média, intelectuais revolucionários, administradores coloniais e líderes nacionalistas. Trabalho temporário. Trabalhadores temporários. Características dos trabalhadores temporários.

Exemplo 2 : Resumo informativo

Fonte: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade.

2.4 RESENHA

A resenha é um gênero acadêmico que passou por um processo de, digamos assim, alargamento de significado. Em alguns estados do Brasil, como a Bahia, é comum ouvirmos a expressão *vamos resenhar?* ou *tenho uma resenha para contar!*, como um significado de estabelecer uma conversa. Há, também, o uso com o sinônimo de festa, encontrado em frases como *vai rolar uma resenha lá em casa hoje*, mas, você saberia dizer o que é uma resenha acadêmica?

No universo acadêmico, resenha se refere a um gênero no qual o autor, após resumir os principais elementos do objeto resenhado, apresenta seu ponto de vista sobre ele. De acordo com Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004b, p.15), a resenha é “[...] um texto que apresenta informações selecionadas e resumidas sobre o conteúdo de outro texto, trazendo, além das informações, comentários e avaliações do resenhista”.

Vamos, juntos, fazer uma análise do **TEXTO 7** a resenha *Jogos teatrais como instrumentos pedagógicos e transformadores de realidades sociais*, escrita pela professora Rita de Cássia Vieira (2010), para tratar do livro *O uso dos jogos teatrais na educação: possibilidades diante do fracasso escolar*, escrito por Ana Lydia B. Santiago, Libéria Rodrigues Neves.

Primeiro ponto que devemos observar é a autoria. Para publicar um livro sobre o tema, espera-se que Ana Lydia B. e Libéria Rodrigues Neves sejam significativamente conhecedoras do tema que estão abordando. Se pararmos para pensar direitinho, qual editora teria interesse em publicar um livro acadêmico sobre teatro que foi escrito por um médico especialista em rim, não é verdade? Então, com essa informação, vamos lidar com a primeira característica da resenha: ela é uma “conversa” de especialista sobre a especialidade deles, ou seja, no conceito que trouxemos de resenha, destacamos que o resenhista deve apresentar o seu **ponto de vista**, a sua crítica, sobre a forma que o resenhado está dispondo a temática. Logo, nada mais sensato que a crítica venha de alguém que conheça o tema. Críticas só devem ser produzidas por pessoas com significativo conhecimento sobre o tema que está criticando.

Jogos teatrais como instrumentos pedagógicos e transformadores de realidades sociais

Rita de Cássia Vieira

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil

Neves, L. R., & Santiago, A. L. B. (2009) *O uso dos jogos teatrais na educação: Possibilidades diante do fracasso escolar*. Campinas, SP: Papirus.

Até ser reconhecido tal qual nos dias de hoje, o teatro vem, ao longo dos tempos, sofrendo transformações determinadas pelas necessidades vividas pelos seres humanos. Sua história se confunde com a história da humanidade: lugar dos ritos nas sociedades mais primitivas, espaço de representação de lendas relacionadas a deuses e heróis, tragédias, comédias, mortes e renascimentos contam a história dessa forma de expressão artística tão antiga como a própria humanidade (Berthold, 2005). Nessa mesma perspectiva, pode-se afirmar também que não é recente a utilização dos jogos teatrais com fins educativos, que já tiveram a sua contribuição nos processos de ensino e aprendizagem reconhecida por grandes educadores, a exemplo de Comenius e Pestalozzi. No mundo ocidental, os primeiros registros do uso dessa arte numa perspectiva pedagógica remontam à civilização grega, sendo que Platão e Aristóteles o consideraram fundamental na educação. Na atualidade, muitos autores e educadores reafirmam e comprovam as suas ações a relevância do teatro como coadjuvante nos processos de aprendizagem e desenvolvimento humanos. Concebido como uma produção cultural e histórica tipicamente humana, o teatro é visto como uma prática passível de, a partir da imaginação dramática, capacitar a pessoa a estabelecer relações entre as idéias e sua interação, se reconhecer na obra, e sintetizar todo esse processo na busca de compreensão e apreensão de seu mundo. Thomaz (2007) narra uma experiência onde práticas com jogos teatrais possibilitaram a educandos se localizarem como seres biopsicossociais e, a partir desse posicionamento enquanto seres de cultura, desenvolver-se na sua relação com o mundo. Reafirma-se nesse trabalho a participação dessa arte plural no desenvolvimento individual e coletivo: ao mesmo tempo em que é capaz de atuar no espaço da subjetividade ampliando as fronteiras entre o pensar, o sentir e o agir, o teatro oferece possibilidades de ampliar também, no nível de uma coletividade, o espaço em que a educação ocorre. E é aí nesse âmbito que ele pode verdadeiramente se afirmar, pois, “nesse sentido, a educação

ultrapassaria o processo de formação do indivíduo, alcançando o patamar de toda a humanidade” (Thomaz, 2007, p. 14). É nessa perspectiva que a presente obra foi elaborada pelas autoras, ambas educadoras e pesquisadoras com significativa atuação nos campos da psicologia e da psicanálise. A proposta central do livro é discutir a utilização dos jogos teatrais como instrumentos pedagógicos e transformadores de realidades sociais. Apostando na possibilidade destes em favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças e jovens em situação de fracasso escolar, a publicação reflete especialmente a partir da relação entre o teatro, a psicologia, a psicanálise e a educação. Com base nessa proposta, o livro compõe-se de três capítulos, nomeados de acordo com referências a textos e/ou grupos teatrais. O primeiro deles se intitula “Ponto de Partida”: o uso do teatro na Educação e apresenta a trajetória histórica da vinculação entre teatro e educação no Ocidente. Seguindo um percurso paralelo, os jogos estariam ao lado dos seres humanos desde os primórdios do desenvolvimento, misturando-se num espaço onde o lúdico se confundiria com a regra, significando a gênese da atividade teatral. Concordando com pesquisadores da história do teatro que consideram a civilização grega como o marco do teatro ocidental, as autoras fazem questão de demarcar que este, “como rito ou representação, é tão velho como a humanidade” (p. 15). É, portanto, a civilização grega que, com sua educação direcionada a toda a pólis, vai disseminar, por meio da tragédia e da comédia, uma idéia de auto-educação partilhada pelos membros da comunidade. A civilização romana também viu propósitos educacionais nessa arte e na Idade Média o teatro continua na sua trajetória para se estabelecer como uma via de acesso à cultura e à educação de um povo, na sua maioria, iletrado. Sem deixar de observar o uso do teatro como instrumento de poder e massificação, o texto segue marcando o seu florescimento nas instituições escolares renascentistas e destacando o papel de relevância desempenhado pelo filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau.

Este, ao propor uma nova concepção de criança para a educação, aponta, consequentemente, para novos direcionamentos na forma de se educar. O texto não deixa dúvidas quanto à contribuição indireta de Rousseau, que, embora não tenha teorizado especificamente sobre o emprego do teatro nos processos educativos, influenciou sobremaneira com suas idéias as reflexões de vários estudiosos modernos no campo da educação e da psicologia e “sua concepção do uso do jogo nesses processos pode ter contribuído para a construção do que conhecemos hoje como jogos teatrais” (p. 22). O capítulo finaliza mostrando de forma breve as perspectivas para as artes em geral no âmbito da educação – incluindo aí o teatro, claro – e, partindo também de um olhar histórico que se inicia com as ações educativas implementadas pelos jesuítas e chega até a atualidade, apresenta o cenário que vem sendo instituído entre educação e teatro no Brasil. “Vamos brincar de brincar”: o uso dos jogos na educação é como se intitula o segundo capítulo, que tem por objetivo apresentar a trajetória do uso dos jogos e dos jogos teatrais na educação. A construção do texto segue direcionamento semelhante ao apresentado no capítulo anterior e privilegia o viés histórico. O capítulo inicia fazendo uma análise da noção de jogo sob esse ponto de vista e mostra como foi necessária uma verdadeira revolução no pensamento educacional – preparada por Rousseau e levada a termo pelo Romantismo – para que a idéia de jogo como valor educativo pudesse enfim ser enunciada por pensadores, filósofos e educadores, verdadeiros precursores que ainda hoje se constituem em referência no estudo do entrelaçamento entre teatro e educação. No subtítulo Os jogos na Psicologia, o tema é tratado, inicialmente, a partir das proposições apresentadas por Piaget e Vigotski, para quem os jogos têm um significativo papel no desenvolvimento cognitivo da criança. Na sequência, as autoras incluem o campo da Psicanálise e apresentam as contribuições de Freud, Melanie Klein, Anna Freud, Winnicott e Lacan no que se refere aos jogos infantis. O texto esclarece, contudo, que tais contribuições estão localizadas mais no âmbito clínico, curativo, e menos no contexto educativo, onde esses autores não optaram por focalizar seus estudos. A contribuição da psicologia é encerrada com a apresentação do trabalho de Jacob Levi Moreno e suas técnicas do psicodrama e sociodrama, amplamente propósitos terapêuticos e educativos.	Prosseguindo na exploração da noção de jogo teatral, esse capítulo finaliza fazendo uma apresentação de quatro autores com reconhecida produção no campo da arte-educação – Viola Spolin, Augusto Boal, Olga Reverbel e Joana Lopes – e que sugerem a utilização desse tipo de jogo como instrumento capaz de favorecer um incremento nas capacidades cognitivas dos alunos. O terceiro e último capítulo é denominado “Seis personagens à procura de um autor”: o uso dos jogos teatrais em uma perspectiva pedagógica e subjetiva. Descreve uma experiência de utilização dos jogos teatrais como prática pedagógica e terapêutica, desenvolvida por uma das autoras junto a um grupo de crianças em situação de fracasso escolar. Das seis crianças que participaram da proposta, todas cursando o ensino fundamental em escolas da rede pública de Belo Horizonte, foi escolhido um caso para apresentar com detalhes os passos metodológicos desenvolvidos, bem como para realizar uma análise das repercussões do trabalho na criança. A partir dos resultados obtidos, as autoras concluem que, confirmando hipóteses iniciais, os jogos teatrais se constituem em instrumentos passíveis de utilização com propósitos pedagógicos e, além disso, são agentes capazes de atingir a dimensão subjetiva. Ao trabalhar “na hiância entre o saber pedagógico e o saber psicológico” (p. 117), nessa lacuna onde muitas vezes esses saberes “falham ao tentar anular a expressão da dificuldade enquanto efeito da linguagem” (Santiago, 2005, p. 26), eles se apresentaram como uma ferramenta possível na reversão de quadros de fracasso escolar. Essas e outras observações integram “Um baú de fundo fundo”, um pequeno capítulo com considerações finais. Em síntese, a leitura do livro, ao apresentar a potencialidade do teatro em se constituir numa prática transformadora, deixa no ar uma sensação de querer saber mais sobre o assunto. A divulgação, em detalhes, de uma experiência do uso pedagógico/terapêutico dos jogos teatrais – avaliada como bem sucedida pelas autoras – concede materialidade e visibilidade à proposta central da obra, acrescentando também atualidade a um debate que não é novo. Além do mais, apesar da discussão acerca da relação entre teatro e educação ser antiga, o texto, por suas características próprias, apresenta-se como uma obra original e um acréscimo a um tipo de literatura ainda escassa na atualidade. Por esses motivos, pode-se afirmar que a obra apresenta elementos que, sem dúvida, concorrerão para transformá-la num título de referência sobre o assunto, um texto útil para educadores em geral e estudiosos do tema.
---	--

Texto 7

Fonte: Vieira (2010)

Deixaremos uma atividade: entre na Plataforma Lattes e certifique-se de que as autoras resenhadas e a autora resenhista têm propriedade para escrever sobre o tema e criticar a escrita, respectivamente.

2.4.1 Estrutura retórica

De acordo com Motta-Roth e Hendges (2010, p. 36), o estilo da resenha deve ser formal e o tom persuasivo para influenciar o público a ler (ou não ler) o livro resenhado. É importante destacar que o resumo é parte integrante da resenha. Em outras palavras, dentro de toda resenha deve haver um resumo, explicando o que é o texto que está sendo resenhado. Na nossa resenha em análise, proposta por Vieira (2010), o resumo está no primeiro parágrafo da segunda coluna, conforme

	É nessa perspectiva que a presente obra foi elaborada pelas autoras, ambas educadoras e pesquisadoras com significativa atuação nos campos da psicologia e da psicanálise. A proposta central do livro é discutir a utilização dos jogos teatrais como instrumentos pedagógicos e transformadores de realidades sociais. Apostando na possibilidade destes em favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças e jovens em situação de fracasso escolar, a publicação reflete especialmente a partir da relação entre o teatro, a psicologia, a psicanálise e a educação.
--	---

Texto 8 : O resumo na resenha

Fonte: VIEIRA (2010)

Quanto à linguagem, espera-se que a resenha inclua verbos no presente do indicativo para descrever a atualidade e relevância do tema do livro (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p.36); e que seja escrita de forma impessoal, mas com marcas efetivas de subjetividade. Talvez essa última consideração, impessoal com subjetividade, tenha confundido sua mente. Vamos explicar: os comentários expressam a opinião do resenhista de maneira indireta e implícita. Por isso, escreve-se em terceira pessoa, porém apresentando marcas de autoria que indicam a realização de uma crítica atribuindo valor ao texto resenhado, como observado no trecho a seguir, em que a resenhista indica, mesmo sem se colocar como autora da crítica, que o texto resenhado é tão bom que logo se tornará uma referência para pesquisadores da área. Observe o **TEXTO 9**:

	Por esse motivos, pode-se afirmar que a obra apresenta elementos que, sem
	dúvida, concorrerão para transformá-la num título de referência sobre o
	assunto, um texto útil para educadores em geral e estudiosos do tema.

TEXTO 9: Marcas de autoria

Fonte: VIEIRA (2010)

Para organização dos elementos estruturais da resenha, Motta-Roth e Hendges (2010, p. 36) propõem o seguinte passo-a-passo:

APRESENTAR O LIVRO

Passo 1 informar o tópico geral do livro e/ou

Passo 2 definir o público alvo e/ou

Passo 3 dar referências sobre o autor e/ou

Passo 4 fazer generalizações e/ou

Passo 5 inserir o livro na disciplina e/ou

DESCREVER O LIVRO

Passo 6 dar uma visão geral da organização do livro e/ou

Passo 7 estabelecer o tópico de cada capítulo e/ou

Passo 8 citar material extratextual

AVALIAR PARTES DO LIVRO

Passo 9 realçar pontos específicos

(NÃO) RECOMENDAR O LIVRO

Passo 10A desqualificar/recomendar o livro ou

Passo 10B recomendar o livro apesar das falhas indicadas.

No que concerne à crítica do objeto da resenha – Tópico 3 da abordagem de Motta-Roth e Hendges (2010) – Medeiros (1999, p.162) propõe que a estrutura argumentativa da resenha responda às seguintes perguntas:

1. Qual sua coerência interna?
2. Qual a originalidade do texto?
3. Qual o alcance do texto?
4. Qual a validade das ideias?
5. Qual a relevância das ideias?
6. Que contribuições apresenta?
7. O autor atingiu os objetivos propostos?
8. O texto supera a pura retomada de textos de outros autores?
9. Há profundidade na exposição das ideias?
10. A tese foi demonstrada com eficácia?
11. A conclusão está apoiada em fatos?

A progressão textual e articulação de uma resenha podem ser resumidas, portanto, no percurso que vai da leitura à elaboração de um texto pessoal, que estabelece a síntese e a crítica das ideias do texto original.

2.4.2 O que diz a norma

É a NBR 6028, de 2003, responsável por estabelecer os requisitos para a redação e apresentação de resumos, que abarca como deve ser feita uma resenha. Então, em outras palavras, afirmamos que resenha é um resumo articulado com crítica. Por se tratar de um gênero com características peculiares, a norma não delimita a extensão da resenha. A única explanação presente na norma é: “Resumo crítico: Resumo redigido por especialistas com análise crítica de um documento. Também chamado de resenha. Quando analisa apenas uma determinada edição entre várias, denomina-se *recensão*” (ABNT, 2003)



Reflexão

É possível ter o gênero resenha um formato epistolar e manter o propósito de resumir, comentar e avaliar? Observe como foi produzida

a resenha do livro *A perda de si: cartas de Antonin Artaud* (Rio de Janeiro: Rocco, 2017), por Maruzia Dultra.

Conheça a resenha no link: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/24879/17251>

2.4.3 Exemplos

<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19051>>. Acesso em: 02 oct. 2020.



Sabendo um pouco mais

Para conhecer outras resenhas, acesse os links:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/45738/32191>

<https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/5748/4188>

2.5 ENSAIO

Quando pesquisamos o termo ensaio nas artes performáticas, ele pode aparecer como propõe Teixeira (2005, p.118),

[o] levantar, repetir ou apurar uma cena com os atores. Acertar as luzes ou o som com a atuação destes em cena. Harmonizar, a partir de uma proposta estética e técnica, a ação do elenco com as falas e os movimentos sugeridos pelo texto literário.

Podemos observar, nessa perspectiva teatral, que o ensaio pressupõe a organização prévia de elementos necessários a execução de uma proposta estética e técnica.

No âmbito acadêmico, como veremos, o ensaio também se aproxima de uma espécie de estágio preparatório ou passagem necessária para que se aprenda outros gêneros. Ele é uma produção textual em que a visão subjetiva daquele que escreve está em destaque. No ensaio, mais do que nos outros gêneros que vimos até aqui, quem escreve tem a liberdade para refletir sobre as temáticas que lhe interessam, assim como pode e deve defender seu ponto de vista em relação a elas, por isso ele dispensa a obrigatoriedade de um texto referente – como o resumo e a resenha, que obriga o autor do gênero a reduzi-lo às suas principais ideias ou criticá-lo. O ensaio pode ou não mobilizar uma documentação empírica ou bibliográfica. Quem escreve é quem decide e ponto!

Se vocês buscarem em alguns livros de Metodologia Científica, vão observar que comumente o ensaio é abordado de maneira bem resumida e quase sempre sendo diferenciado de outro gênero que não estudaremos aqui, o artigo. Mas por que o artigo? Porque a produção de um artigo demanda alguma “vivência acadêmica”, isto é, domínio sobre os tipos e técnicas de leitura e análise de textos – que já abordamos na UNIDADE I – assim como dos métodos e técnicas de pesquisa, já que os artigos são gêneros voltados para a comunicação de resultados de estudos ou das pesquisas que desenvolvemos. Digamos que através de um artigo você pode divulgar uma pesquisa em desenvolvimento (no qual se pode apresentar alguns resultados parciais, por exemplo) ou concluída (na qual apresentam-se os resultados finais obtidos).



Sabendo um pouco mais

Saiba mais

Para conhecer alguns exemplos do gênero artigo, acesse os anais da X Reunião Científica da ABRACE (2019) e veja os artigos publicados no GT Pedagogia das Artes Cênicas, disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/issue/view/115/showToc>

Para Paviani (2010), a maior diferença entre ensaio e o artigo está na liberdade que perpassa a produção do primeiro. No ensaio o autor assume o controle do que será dito e

como será dito, “[...] sem o paio empírico, documentos ou outros recursos metodológicos” (PAVIANI, 2010, p. 28). O que se espera do ensaio é ele seja escrito com base num estilo pessoal, manifestado tanto na escolha do tema, quanto na sua interpretação e crítica. Ele não abole o espaço da subjetividade, como no artigo, ao contrário, ele amplia.

Continuando o raciocínio, de acordo com Britto (2001), o artigo é uma modalidade de trabalho científico primário, que se define por um discurso envolvido – porque resulta de uma descoberta científica do seu autor – e por um discurso envolvente, pois mobiliza o jargão de uma área para dialogar com a comunidade científica com a qual esse autor está envolvido. Já o ensaio não estaria necessariamente voltado para divulgar o resultado de estudos ou pesquisa, ele seria, conforme essa autora, um discurso secundário que estabelece uma crítica pessoal sobre questões científicas abordadas por outros autores que não o autor do ensaio.

Pena (2005, p.76) coloca outra questão interessante sobre o ensaio:

[...] o ensaio tem sua memória [discursiva] afetada por questões fora do que é entendido como científico. Sempre muito relacionado ao literário, o ensaio precisa de um esforço maior para ser aceito como um gênero científico.

A autora aponta para a relação do ensaio com a literatura. Em geral, o ensaio no âmbito literário é considerado como um gênero produzido por autores mais experientes, enquanto o ensaio acadêmico – é nele que focaremos nossa atenção – é indicado para aqueles que estão adentrando a vida acadêmica, isto é, que ainda estão se preparando para o “[...] domínio técnico dos gêneros científicos” (PAVIANI, 2010, p. 31).

De acordo com Salvador (1973, p. 163), o ensaio é “[...] um estudo bem desenvolvido, formal, discursivo e concludente”. Para Severino (2013), trata-se de um trabalho científico cuja escrita consiste na exposição lógica e reflexiva e na argumentação rigorosa com alto nível de interpretação e julgamento pessoal. Mas o que isso significa? Significa que o ensaio, para além do tema abordado, exige do autor ou autores uma ampla formação cultural, assim como maturidade intelectual. Observe alguns exemplos de coletâneas de ensaios sobre a Literatura, que reúnem os ensaios produzidos por dois reconhecidos pesquisadores do campo acadêmico e literário:

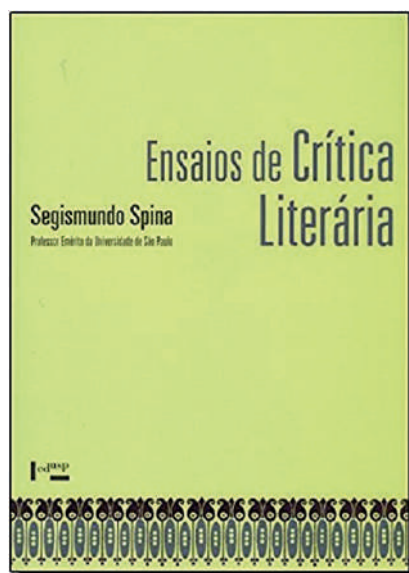


FIGURA 5: Exemplo de coletâneas de ensaios

Fonte: Amazon

Para além da experiência acadêmica, Campos (2015) afirma que o ensaio reflete uma interpretação avaliativa, mediada pela subjetividade do escritor-autor, mas fundamentada no domínio discursivo no qual está vinculado, isto é, a argumentação é dirigida para determinado público. A pesquisadora e professora Eneida Maria de Souza, por exemplo, utiliza o gênero ensaio para discutir questões teóricas do campo literário. O ensaio é o veículo pelo qual ela reúne textos nos quais reflete sobre os temas que lhe interessam e sobre os quais tem grande conhecimento, como a crítica biográfica. Observe como ela apresenta sua coletânea de ensaios intitulada *Janelas indiscretas: ensaios de Crítica Biográfica* (2011):

A reunião destes ensaios sobre crítica biográfica **é o resultado de pesquisas realizadas no decorrer dos últimos anos, quando pude aprimorar questões teóricas e exercitar a criação de perfis literários.** O convite permanente com arquivos de escritores e a necessidade de sistematizar tanto seus dados pessoais, quanto sua produção literária e intelectual, exigiam mudanças no modo de abordagem do texto. A sedução pelos manuscritos, cadernos de notas, papéis esparsos, correspondência, diários de viagem e fotos tem como contrapartida a participação efetiva do pesquisador para a construção de ensaios de teor biográfico. A tarefa, a princípio simples, reveste-se de complexidade, por se tratar de uma **prática narrativa que une objetividade com estilo pessoal, concisão com clareza expositiva.** [...] A distinta dicção da crítica biográfica frente ao **ensaio de vocação teórica ou de natureza interpretativa reside na condensação entre ficção e teoria, narratividade e argumento teórico.** Nesse sentido, há maior **liberdade criativa** por parte do crítico, por revigorar o enredo narrativo e permitir associações entre texto e contexto, obra e vida, arte e cultura (SOUSA, 2011, p.)

Isso é o que chamamos de **maturidade intelectual**.

Observe que o **estilo pessoal** resulta de um amadurecimento teórico. São anos de estudo...

No ensaio é preciso ser **objetivo** e **claro** na exposição e na argumentação.

Liberdade criativa, isto é, liberdade para **escolher** sobre o que falar e como falar.

Observe como o ensaio foi o gênero escolhido pela pesquisadora para se posicionar criticamente e demonstrar o amplo conhecimento adquirido ao longo de sua carreira acadêmica e profissional – como teórica e docente –, sobre uma temática que lhe é cara: a crítica biográfica. O que importa até aqui é compreender que o ensaio reflete a defesa de um posicionamento crítico e pessoal, voltado para um público vinculado a determinado domínio discursivo ou área de conhecimento.



Sabendo um pouco mais

Para conhecer outro ensaio da autora, sugerimos a leitura do ensaio “Saberes narrativos”, disponível aqui:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12542/9846>

Retomando a ideia de ensaio no Teatro, que abordamos no início deste tópico, o ensaio serve como uma preparação para aqueles que ainda estão no começo da jornada acadêmica. Ele pode fazê-lo adquirir competências necessárias para elaborar, futuramente, a monografia ou Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pois esses trabalhos demandam daquele que pesquisa uma capacidade crítica e argumentativa voltada para a resolução de um problema de pesquisa científica (SPINA, 1994; PAVIANI, 2010; CAMPOS; GOMES, 2016).

Não abordaremos aqui “tipos de ensaio” e sua estrutura retórica, do ponto de vista normativo, pois optamos por enfatizar a liberdade de sua composição. Entretanto,

caso esteja curioso para saber se existem tipos de ensaio, acesse o texto produzido por Vera Britto (2001), disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/605/449>. A autora define dois tipos: informativo ou teórico e opinativo ou avaliativo.

2.5.1 Estrutura retórica

Do ponto de da linguagem e estrutura, sem esquecer do aspecto subjetivo que norteia a produção do gênero ensaio, sugerimos:

- Ser original, já que todas as escolhas cabem apenas ao autor;
- Usar a primeira pessoa do singular (eu) ou do plural (nós);
- Atentar para a progressão textual e articulação das partes do texto;
- Expor o assunto de forma lógica, mesmo adotando o estilo livre – quando não se propõe a fazer uma análise detalhada ou uma demonstração exaustiva. Deve expor de maneira clara, mesmo quando pode utilizar a linguagem poética (PAVIANI, 2010);
- Desenvolver um ponto de vista acerca de um tema, abusando da argumentação, da experimentação, dos questionamentos, reflexões e críticas (CAMPOS; GOMES, 2016);
- Buscar estabelecer, quando possível, diálogo entre interpretações do tema feitas próprio autor – até mesmo em outros gêneros – e de terceiros;
- Evitar exposição ancorada em opiniões alheias, sem manifestar posicionamento crítico (CAMPOS; GOMES, 2016).
- Evitar também manifestações superficiais, como “gostei” ou “não gostei”, “discordo” ou “concordo” e outras parecidas (CAMPOS; GOMES, 2016).
- Utilizar a estrutura básica, composta por título, texto e referências. Caso queira, é possível também incluir resumo e palavras-chave em língua portuguesa e estrangeira.



Sabendo um pouco mais

Campos e Gomes (2016) propõem uma arquitetura textual interessante para o gênero ensaio, destacando alguns movimentos

sociorretóricos. Conheçam essa estrutura e um pouco mais sobre o gênero ensaio no link: https://www.academia.edu/28596351/DIREITO_ATUALIDADE_E_ENSINO_LIVRO_03_F

2.5.2 O que diz a norma

Tanto do ponto de vista da interpretação e do posicionamento crítico do autor, quanto do ponto de vista normativo, o ensaio implica em liberdade. A ABNT não estabelece regras para a redação e apresentação desse gênero. Em geral, a publicação do ensaio pode obedecer – quando houver alguma regra – às políticas editoriais definidas pelos periódicos científicos ou as demandas educacionais, como é o nosso caso. Em relação à citação e à referenciação, o ensaio deve estar submetido à normatização da ABNT. Do ponto de vista da apresentação do trabalho, mantemos nossa sugestão do Manual de Estilo Acadêmico da UFBA .

2.5.3 Exemplos

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/2152/2091>

<https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/57863>

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10774>

SÍNTESE DA UNIDADE II

Nesta unidade você aprendeu o conceito, os tipos, a estrutura retórica e os aspectos normativos de quatro dos principais gêneros vinculados às pesquisas científicas no ambiente acadêmico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Andreia Fernandes de. **O Teatro no ensino médio**: um mapeamento sobre a situação do ensino da Arte na rede pública estadual na cidade de Salvador no início da década de 2010. 2013. Tese (Doutorado) - Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

ARANHA, Solange. A busca de modelos retóricos mais apropriados para o ensino da escrita acadêmica. **Revista do GEL**, Araraquara, v. 4, p. 97–114, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2018a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2018b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: 2. ed. Rio de Janeiro, 2012a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: resumos. Rio de Janeiro, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 261-306.

BRITTO, Vera. Artigos e ensaios científicos. **Revista de Desenvolvimento Econômico**. Disponível em: <https://www.revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/viewFile/605/450>. Acesso em: 05 set 2020.

CAMPOS, Magna. GOMES, Nordeci. A introdução ao gênero ensaio acadêmico como atividade de escrita na Faculdade Presidente Antônio Carlos de Mariana: estudo de caso. In: FUNDAÇÃO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS (coordenadora). **Direito: atualidades e ensino**. Mariana: FUPAC-MARIANA, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/29504081/O_G%C3%8ANERO_TEXTUAL_ENSAIO_ACAD%C3%8AMICO_ESTUDO_DE_CASO_CAP%C3%8DTULO_DE_LIVRO_. Acesso em: 05 ago. 2020.

CAMPOS, Magna. **Manual de redação científica: ensaio acadêmico, relatório de experimento e artigo científico**. Mariana: EA, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/11466038/Manual_de_Reda%C3%A7%C3%A3o_Cient%C3%ADfica_ensaio_acad%C3%AAmico_rel%C3%B3rio_de_experimento_e_artigo_cient%C3%ADfico. Acesso em: 05 set. 2020.

DINIZ, Célia Regina; SILVA, Iolanda Barbosa da. **Metodologia científica**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN: EDUEP, 2008.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.

FUNARTE. **A análise do texto teatral, de João das Neves**: Funarte publica livro que teve sua primeira edição, pelo INACEN, em 1987, esgotada. Rio de Janeiro: Funarte, 2012. Disponível em: <http://portais.funarte.gov.br/artes-integradas/a-analise-do-texto-teatral-de-joao-das-neves/>. Acesso em: 29 set. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório. Publicações e trabalhos científicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de estilo acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses**. 6 ed. Salvador: EDUFBA, 2019.

LUCKESI, Cipriano Carlos et al. **Fazer universidade: uma proposta pedagógica**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane. ABREU-TARDELLI, Lilian Santos. **Resumo**. São Paulo: Parábola, 2004a.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane. ABREU-TARDELLI, Lilian Santos. **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2004b.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia do Trabalho Científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é a leitura**. 9. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 1999.

MONEREO, Carles. **Las estratégias de aprendizaje en la educación formal**: enseñar a pensar y sobre el pensar. Infancia y aprendizaje, v. 50, p. 3-26. 1990. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=48347>. Acesso em: 29 set. 2020.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção Textual na Universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

PAVIANI, Jayme. O ensaio como gênero textual. In: AZEVEDO, Tânia Maris de; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. **Universo acadêmico em gêneros discursivos**. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PENA, Elke Beatriz Felix. **Artigo e ensaio científicos**: dois gêneros e uma só forma? Gêneros textuais, acontecimento e memória. Dissertação. Mestrado em Linguística (Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SALVADOR, Angelo D. **Métodos e técnicas da pesquisa bibliográfica**: elaboração e relatório de estudos científicos. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sulina Editora, 1971. 236 p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SPINA, Segismundo. **Normas gerais paratrabalhos de grau**: um breviário para o estudante de pós-graduação. 2. ed. melh. e ampl. São Paulo: Ática, 1984.

SWALES, John Malcolm. Re-thinking genre: another look at discourse community effects. In: SWALES, J. M. **Re-thinking Genre Colloquium**. Ottawa: Carleton University, 1992.

TEIXEIRA, Ubiratan. **Dicionário de teatro**. 2. ed. São Luís: Instituto Geia, 2005.



Universidade Federal da Bahia

Leitura e produção de texto acadêmico

Este livro didático tem como objetivo capacitá-lo para refletir sobre as práticas de leitura e escrita no âmbito acadêmico, oferecendo-lhe embasamento teórico e oportunidade de exercício prático dos principais gêneros acadêmicos escritos. Para tanto, buscamos levá-lo a compreender a configuração da linguagem e a funcionalidade dos gêneros textuais próprios do universo acadêmico; desenvolver habilidades para a leitura e reconhecimento desses gêneros, a partir de seus elementos conceituais, funcionais e estruturais específicos; e, por fim, exercitar a atividade de análise, síntese, crítica e escrita desses gêneros.



PROGRAD
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO



Escola de Teatro
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

